

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
MESTRADO EM ENSINO

MARINA BADARÓ LANNES

O 'EMPODERAMENTO CRESPO' NA LITERATURA INFANTIL

Santo Antônio de Pádua
2019

MARINA BADARÓ LANNES

O 'EMPODERAMENTO CRESPO' NA LITERATURA INFANTIL

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ensino, do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Orientador:

Prof. Dr. Rolf Ribeiro de Souza

Santo Antônio de Pádua
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

MARINA BADARÓ LANNES

O 'EMPODERAMENTO CRESPO' NA LITERATURA INFANTIL

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ensino, do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Aprovada em 09 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rolf Ribeiro de Souza (Orientador) - UFF

Prof. Dr. Thiago Luiz Alves dos Santos - UERJ

Prof. Dr. Sílvio Cezar de Souza Lima - UFF

Santo Antônio de Pádua
2019

Ao meu filho, Luís Felipe Badaró Lannes, porque seus sorrisos, seu desenvolvimento, seu carinho, tudo isso alegra meu dia e faz a vida ficar mais doce.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que tem me moldado e me sustentando, por Ele fui impulsionada e direcionada nos caminhos que precisava trilhar.

Ao professor Rolf Malungo, pela confiança, pela amizade e pelo compartilhamento de seus conhecimentos e orientações para que este trabalho fosse desenvolvido com um desenho metodológico exequível.

Aos professores Renato Nogueira e Sílvia Lima, porque suas palavras proferidas na qualificação destacaram pressupostos teóricos e me redirecionaram a abordagens essenciais ao estudo.

Aos docentes do Mestrado em Ensino e funcionários do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (Infes), pela atenção e orientações fornecidas.

Aos colegas e companheiros de viagem ao Infes, Campus Santo Antônio de Pádua da Universidade Federal Fluminense, pela parceria e convivência agradável durante esse tempo de estudos.

A minha família, que me apoiou e que se juntou ao meu sonho, contribuindo de diversas formas para que eu persistisse até a conclusão do curso.

Ao meu esposo, por aceitar caminhar comigo, sustentando essa trajetória com amor, dividindo tanto as alegrias quanto os desafios, por me amar e por me deixar amá-lo.

A todos que me ajudaram e fizeram parte dessa história, agradeço!

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado analisa algumas obras atuais da literatura infantil que podem servir para o empoderamento das meninas e meninos negros, uma vez que abordam elementos das culturas dos povos africanos e em diáspora e representam de forma positiva a imagem de crianças com cabelos crespos. Para possibilitar a discussão da temática, a pesquisa explorou alguns conceitos e categorias caras ao trabalho, como 'racismo', 'identidade' e 'afrocentricidade'. Em seguida, buscou estudos científicos produzidos nas áreas da Educação e das Ciências Sociais que, no período compreendido entre 2008 a 2018, trataram do mesmo objeto: os livros de literatura infantil com recorte de personagens negros que podem ser usados nas escolas para ensino da história e cultura dos povos africanos e da diáspora. A partir desses aportes e experiências, promoveu análises de livros contemporâneos de literatura para o público infantil, ricos em histórias e imagens de personagens negros, que abordam a questão do cabelo crespo e apresentam uma imagem negra afirmativa. Na perspectiva do 'empoderamento crespo' como agência, o estudo concluiu que a escola pode explorar esses livros visando promover uma percepção positiva da identidade negra e ajudar as crianças negras a enfrentarem os dilemas vividos por conta de preconceitos associados a algumas características físicas e culturais advindas da descendência africana, combatendo as estereotípias e o racismo.

Palavras-chave: Literatura, Escola, Identidade Negra.

ABSTRACT

This Master's dissertation analyzes some current works of children's literature that can serve for the empowerment of black girls and boys, since they approach elements of African and Diaspora cultures and represent in a positive way the image of children with curly hair. To enable the discussion of the theme, the research discussed some concepts and categories that are expensive to work, such as 'racism', 'identity' and 'afrocentricity'. He then sought scientific studies produced in the areas of Education and Social Sciences that, from 2008 to 2018, dealt with the same object: children's books with black characters that can be used in schools for teaching history and culture of the African people and diaspora. From these contributions and experiences, he promoted analyzes of contemporary children's literature books, rich in stories and images of black characters, who address the issue of curly hair and present an affirmative black image. From the perspective of 'curly hair empowerment' as an agency, the study concluded that the school can exploit these books in order to promote a positive perception of black identity and to help black children cope with the dilemmas experienced due to prejudices associated with certain physical and cultural characteristics of African descent, combating stereotypies and racism.

Key words: Literature. School. Black Identity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	IDENTIDADE NEGRA E A ESCOLA	11
2.1	Trançando os Conceitos	11
2.2	Cabelo e ‘Empoderamento Crespo’	18
2.3	Escola e Abordagem Afrocentrada	21
3	OS ESTUDOS SOBRE A LITERATURA INFANTIL AFRO	26
3.1	Breve Histórico da Abordagem Literária dos Negros	27
3.2	Literatura Infantil e Personagens Negros	29
4	LITERATURA INFANTIL E EMPODERAMENTO CRESPO	40
4.1	Parâmetros de Análise	41
4.2	Livros Analisados	44
4.2.1	As tranças de Bintou (Sylviane A. Diouf)	44
4.2.2	Betina (Nilma Lino Gomes)	48
4.2.3	Bia, Tatá e Ritinha (Neusa Baptista Pinto)	51
4.2.4	Cabelo de Mola (Alexsander Rezende)	55
4.2.5	Cada um com seu jeito, cada jeito é de um! (Lucimar Rosa Dias)	58
4.2.6	Dandara, seus Cachos e Caracóis (Maíra Suertegaray)	61
4.2.7	Mariana (Jaciana Melquíades e Leandro Melquíades)	65
4.2.8	Menina bonita do laço de fita (Ana Maria Machado)	69
4.2.9	Meninas negras (Madu Costa)	73
4.2.10	Meu crespo é de rainha (bell hooks)	76
4.2.11	O cabelo de Cora (Ana Zarco Câmara)	79
4.2.12	O cabelo de Lelê (Valéria Belém)	82
4.2.13	Chico Juba (Gustavo Gaivota)	85
4.2.14	O mundo começa na cabeça (Prisca Agustoni)	88
4.2.15	O mundo no Black Power de Tayó (Kiusam de Oliveira)	91
4.2.16	Os cabelos de Sara (Gisele Gama Andrade)	94
4.2.17	Os mil cabelos de Ritinha (Paloma Monteiro)	97
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
	REFERÊNCIAS	102

1 INTRODUÇÃO

Este estudo une assuntos de diferentes densidades: a literatura infantil e o racismo. O primeiro gira em meio à imaginação, à fantasia, à expressividade. O segundo revela um problema social, político, econômico e cultural que, por ser estrutural na sociedade brasileira, infelizmente é ainda atual.

Mas como uma literatura tão leve escrita para crianças pode servir ao propósito de ajudar a combater um problema tão grave quanto o racismo? Essa questão que gravita em meio a essas duas temáticas (racismo e literatura infantil) é a que nos move neste trabalho.

O estudo partiu da ideia de que o combate ao racismo também passa pela garantia da representatividade dos negros em diferentes esferas, incluindo aí a literatura infantil, nos seus personagens e enredos. E que a escola pode atuar com ações de combate ao racismo lançando mão de livros de literatura infantil, com personagens negros representados de forma positiva, para a realização de atividades de leituras críticas e debates. Esses personagens fictícios podem ajudar as crianças a promoverem a percepção positiva das identidades negras e a enfrentarem os dilemas vividos por conta do racismo.

Não estamos desconsiderando que há iniciativas essenciais para garantir a representatividade dos negros em outros campos, como as cotas das universidades e concursos públicos. Mas o movimento em prol da garantia da imagem e história dos africanos e afrodescendentes nos livros usados pelas crianças também é uma fração relevante da luta contra o racismo.

Sabemos, ainda, que a inclusão dos negros no corpo social demanda mudanças estruturais na sociedade. Mas entendemos que não podemos lavar as mãos achando que o racismo é “*uma condição incontornável e que ações e políticas institucionais antirracistas sejam inúteis*” (ALMEIDA, 2018, p.39). Acreditamos que iniciativas mais pontuais também podem auxiliar no combate ao racismo desde a infância e a literatura infantil pode contribuir nesse sentido.

Estamos cientes, também, de que Lei nº 10639/03 tem sido o instrumento que aponta para a garantia de inclusão na escola de conteúdos com essa abordagem. Em parte, as editoras têm sentido os efeitos da legislação e, para atender à nova demanda, vêm promovendo a edição de alguns materiais que desenvolvem os conteúdos

relacionados à cultura e história dos africanos e afrodescendentes. Mas, cada vez mais, a produção literária precisa se mover no sentido de garantir de fato a representatividade dos negros em grande parte dos livros que as crianças têm a sua disposição.

Ao lado do surgimento de novos autores, com destaque aos autores negros, e do avanço na edição e publicação das suas obras, é imprescindível que as políticas públicas de Educação garantam que esses livros infantis que abordam de forma positiva o corpo negro, a cultura e a história da África cheguem às bibliotecas escolares e sejam usados em sala de aula pelas crianças. Em outra ponta, para conduzir seu trabalho, o professor precisa encontrar no acervo literário das escolas obras com protagonistas negros e cujas narrativas em que estão inseridos sejam voltadas ao processo de construção da identidade da população negra.

O empenho da escola para promover leituras e realizar atividades pedagógicas desde a Educação Infantil usando livros e demais materiais didáticos adequados à ação de fortalecimento da identidade negra é urgente porque historicamente houve um processo que dificultou à população negra na construção da sua identidade social enquanto grupo negro e que justificou as dominações¹.

Por isso, para ajudar a romper com essas lógicas, a escola precisa combater o racismo e atuar no sentido de buscar meios para contribuir com esse movimento de trazer referenciais positivos às crianças negras e favorecer o desenvolvimento das suas identidades.

Diante dessa perspectiva, traçou-se como objetivo da pesquisa discutir a produção de obras contemporâneas da literatura infantil que podem atuar no ‘empoderamento’ das crianças negras ao evidenciarem nos enredos a imagem positiva de personagens protagonistas negros com cabelos crespos.

Especialmente, buscou-se apenas livros infantis que evidenciam de forma positiva os cabelos crespos, pois, dentre os fenótipos africanos, são um dos mais atacados pelas agressões dos racistas. Sabe-se que os discursos que acompanham essas práticas racistas, que menosprezam os cabelos crespos, podem causar impactos negativos nas subjetividades das crianças, ao passo que de forma inversa a representação positiva dos mesmos pode favorecer a identidade negra.

1 Os negros, ao longo da história, eram desumanizados e vistos ora como ‘peça’ ora como ‘*lumpem*’ (NOGUEIRA, 1998). Da mesma forma, se deu um processo de internalização das múltiplas contradições do capitalismo por conta dos discursos que justificam as dominações (ALMEIDA, 2018), mantendo-os, por conta da ideia da inferiorização, em situação de subordinação social, política e econômica e escondendo o racismo (SILVA, 2004).

Para analisar os livros de literatura infantil com personagens negros e cabelos crespos, percebeu-se a necessidade de refletir sobre a identidade negra, observando a importância do conhecimento da cultura e da história da África para o seu desenvolvimento. Essa reflexão foi desenvolvida no capítulo inicial, que também discutiu alguns conceitos e categorias importantes para o estudo e abordou como a escola deve atuar numa perspectiva afrocentrada e como os materiais didáticos e livros de literatura podem auxiliar nesse empreendimento.

Como o trabalho se propôs a pensar os livros infantis que podem ser usados na perspectiva do fortalecimento da identidade negra, desenvolveu também uma investigação em artigos científicos, dissertações e teses nas áreas da Educação e das Ciências Sociais que, no período compreendido entre 2008 a 2018, tiveram como objeto de estudo a literatura infantil com recorte de personagens negros, e algumas contribuições desses estudos foram apresentadas na segunda parte do desenvolvimento.

Com base nos aportes teóricos e nas experiências e achados de estudos científicos, este estudo promoveu análises de livros contemporâneos de literatura para o público infantil, ricos em histórias e imagens de personagens negros, que abordam a questão do cabelo crespo e apresentam uma imagem corporal negra afirmativa, discutindo-se o resultado dessas análises na terceira parte do estudo.

As considerações finais revisitaram os principais elementos do estudo para sintetizar as conclusões que foram inferidas a partir das análises empreendidas.

2 IDENTIDADE NEGRA E A ESCOLA

A proposta de desenvolver neste capítulo uma discussão sobre a identidade negra no campo da Educação repercutiu em algumas indagações: Que imagem a criança negra constrói de si mesmo, do povo negro, da descendência negra, da corporeidade e do conjunto cultural negro? Quais os processos em curso na escola que provocam e sustentam impactos negativos na autoestima das alunas e dos alunos negros e na formação da sua identidade? O movimento recente de valorização da imagem e dos cabelos crespos e 'naturais' do negro tem provocado novos significados para a construção e reconstrução da sua imagem e subjetividades? Os processos de valorização da cultura africana e afrodescendente e da identidade negra podem ser potencializados pela escola por meio de um trabalho com livros destinados ao público infantil que exploram a imagem corporal negra e a história dos povos africanos e da diáspora?

A complexidade dessas questões nos leva a caminhar no sentido de, ao pensar a identidade, questionar a sua constituição no que tange aos povos africanos e em diáspora, refletindo sobre a possibilidade da construção e fortalecimento da identidade negra. Para essa reflexão, cabe em primeiro lugar evidenciar alguns termos usados no estudo e a partir daí refletir sobre os impactos nas subjetividades das crianças por conta do preconceito relacionado ao cabelo crespo e como a escola pode atuar nesse campo.

2.1 TRANÇANDO OS CONCEITOS

Como este estudo se propõe a refletir sobre a literatura infantil no que diz respeito à identidade negra, o primeiro conceito a ser discutido é o de 'identidade'. Ki-zerbo (2009) aponta a importância da identidade ao dizer que sem ela o ser humano se torna apenas um objeto utilizado pelos outros na história, pois é esse atributo que lhe confere um papel de destaque a ser desempenhado e não apenas de utensílio.

Gomes (2005) explica que a identidade se constitui enquanto ser no mundo e com os outros, apresentando traços culturais que são marcas da condição humana e que se revelam por meio do uso da linguagem, de comportamentos alimentares, de costumes

tradicionais e de práticas festivas. Ela não é algo que pertence ao ser desde o nascimento, ela é construída a partir do convívio social.

É no âmbito cultural e histórico que as identidades sociais se definem, de modo que o sujeito social passa a ser constituído por distintas identidades (racial, de gênero, classe, sexo, dentre outras), uma vez que convivem no cotidiano com diferentes agrupamentos e instituições. *“Reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência”* (GOMES, 2005, p.42).

No caso da constituição da identidade negra, Gomes (2005) diz que, da mesma forma, ela depende da aproximação com sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/ racial, das redes de relações que estabelecem com eles e com as referências culturais que lhes são disponibilizadas (GOMES, 2005).

Cunha Jr. (2013) também explica que as identidades se formam a partir de processos históricos e sociais, estando sempre em constantes atualizações e transformações. Por mais que cada pessoa tenha a sua identidade individual por conta da sua singularidade, a sua participação em um complexo de relações sociais, faz com que emergam identidades coletivas. Associando-as a territórios negros, diz que as identidades das populações negras se dão em um processo que ao mesmo tempo é causa e efeito. Elas são processos produzidos por territórios de populações negras e que concomitantemente produzem esses territórios negros.

No Brasil, além das identidades negras serem negadas pelos grupos hegemônicos brancos (CUNHA JR, 2013), há uma dificuldade para o negro em construir sua identidade social enquanto africano em diáspora que está ligada à história da formação da nossa sociedade.

Estabelecer um pertencimento identitário enquanto africano não é simples assim para os brasileiros, pois há fatores históricos que dificultam a criação das suas identidades a partir das suas descendências. Por exemplo, o registro oficial dos antepassados escravizados deveria ser uma fonte de dados para o reconhecimento imediato da descendência de um dos povos africanos. No entanto, há dificuldades de obter dados individuais dos antepassados que determinem com precisão o pertencimento étnico de um grupo específico. Isso porque, em muitos locais, os africanos escravizados em diáspora foram alijados até mesmo do direito à manutenção dos seus sobrenomes, uma vez que lhes eram impostos os sobrenomes das famílias que detinham suas propriedades. E o resgate das árvores genealógicas que seria tão

favorável ao reconhecimento do seu pertencimento, da sua identidade, tornou-se inviável no Brasil em decorrência da destruição dos documentos históricos que poderiam mapear a trajetória dos africanos escravizados.

É sabido, por exemplo, a dificuldade de se evitar uma percepção homogenizadora dos africanos ao se buscar a recuperação de suas identidades étnicas, tendo em vista que, ao menos no Brasil, elas raramente são citadas de forma clara nos documentos. Aqueles produzidos no contexto do tráfico, como sabemos, indicam na maior parte das vezes os portos de embarque e não diretamente as origens étnicas dos africanos tais como vivenciadas na África. (SILVA & XAVIER, p.8, 2018)

Prosseguindo, como o presente estudo cita a história dos povos africanos, outro conceito que precisa ser definido é o de ‘africano’. Neste estudo o termo africano liga-se à concepção que considera as percepções baseadas em experiências presentes e/ou do passado, aponta para os africanos nascidos no continente africano e para os africanos em diáspora, cujos antepassados foram forçados a se deslocarem para outros continentes (ASANTE, 2009).

Sobre o termo ‘diáspora’, na sua vertente africana, por extensão do conceito que designa o processo que estabeleceu os judeus fora de sua pátria, ele se refere ao deslocamento dos negros de origem africana para outros continentes, dando origem aos seus descendentes nascidos fora da África (MUNANGA, 2012).

Em termos gerais o termo diáspora tem designado a dispersão forçada do povo africano pelo mundo atlântico especialmente no hemisfério ocidental. Por extensão o termo passou a ser estendido a processos históricos semelhantes tanto no Mediterrâneo quanto nos mundos do Oceano Índico. (SILVA e XAVIER, 2018, p.2)

A ‘ancestralidade’ é outro conceito destacado por ser um atributo forte da composição da identidade africana, formando a sua cosmovisão (OLIVEIRA, 2012; OLIVEIRA, 2006). Ela ultrapassa a noção eurocêntrica que liga um indivíduo ao seu parente direto falecido. A noção de ancestralidade é coletiva e materializada. Atribui-se ao conjunto de ancestrais ações voltadas ao cotidiano atual das comunidades.

A tradição africana estabelece sua própria lógica no princípio da ancestralidade. Nesse sentido, o que importa é a história de um povo, aquilo que foi construído ao longo do tempo e não a afirmação egoísta do eu. O eu não é nada sem a sua tradição porque está vinculado ao seu passado, à memória daqueles que vieram antes e regulam a vida de seus descendentes distribuindo sua força e harmonia. Portanto, podemos dizer que o conceito de ancestralidade está diretamente ligado ao conceito de identidade, um não existe sem o outro. (CUNHA JR e VIEIRA., 2010, p.28)

Como a ancestralidade está ligada à cultura africana, segundo Madhubuti e Madhubuti (1990, p.8), há um desafio a ser vencido: “*resgatar e reconstruir o melhor da cultura africana ancestral e usá-lo como um paradigma*”.

A respeito da cultura, ou seja, do conjunto de crenças e ideias que são transmitidas de geração em geração (NOBLES, 1985, *apud* BENEDICTO, 2016), ela é um fundamento da configuração da identidade que, se negada, tornada invisível, circunscrita e “*sem base material e logística é apenas um vento que passa*” (KI-ZERBO, 2009, p.12).

As culturas africanas são elementos da identidade negra, por isso é importante redescobri-las e destacá-las, tornando a troca cultural mais equitativa, deixando de enaltecer apenas a cultura europeia. A formação do Brasil, por exemplo, foi altamente influenciada pela cultura negra do segmento Banto, as marcas identitárias provenientes desse povo africano não podem ser desconsideradas (LOPES, 2011).

Para redescobrir a história e a cultura africana, propõe-se a ‘descolonização’ epistemológica, etimológica e científica da África e a sua reconstrução a partir do seu ‘ser’, daquilo que tem como mais autêntico (KI-ZERBO, 2009). O passo inicial seria, tal qual evidenciou Cheikh Anta Diop (2014), redescobrir e revelar a história da África, berço da humanidade, onde invenções fundamentais foram produzidas e na qual se desenvolveu a maior civilização da antiguidade, recontando a história do mundo a partir da sua matriz, dando voz à perspectiva africana e destacando os africanos da posição de simples objetos da história para sujeitos protagonistas.

Essa nova forma de ver a África não é um favor ou mesmo apenas uma escolha política, mas um compromisso com o rigor próprio da ciência. Além disso, essa perspectiva justa de ver a África não é apenas fundamental para os povos que vivem no continente, também é essencial para os descendentes dos povos africanos da diáspora.

No Brasil, sabe-se que, durante a escravidão, o negro ocupou um não-lugar na sociedade, pois era visto de forma desumanizada, como peça/objeto. Na pós-abolição, quando se reconheceu o seu lugar como indivíduo social, foi alijado do processo de produção e do plano econômico. Na estratégia política de favorecimento da imigração europeia promoveu-se a desqualificação da população negra e o reflexo dessa política tem sido sentido até hoje (NOGUEIRA, 1998). Por isso, recontar a história da África, reconhecer a inteligência dos antepassados, destacar seus protagonistas e valorizar a cultura e estética africana são ações capazes de contribuir para a construção da identidade negra e lutar contra o racismo também no Brasil.

Essa nova forma de pensar a África traz à tona o conceito de ‘afrocentricidade’², que também precisa ser evidenciado neste estudo. Ela é um modo de pensar e de agir no qual a localização da África é central, embora não se disponha a tornar universais as experiências particulares, como fizeram os europeus e que geraram a eurocentricidade (ASANTE, 2009; 2015).

A afrocentricidade é uma teoria que foi sistematizada, em 1980, pelo professor Molefi Asante, para quem a centralidade da perspectiva africana e de seus valores e interesses devem predominar nas análises (NOGUEIRA JR., 2010). Com relação à ação, a descolonização do pensamento levará a realçar os valores africanos e o respeito aos seus ancestrais, aos seus profetas e a sua cultura; e esse pensamento produzirá um comportamento ético, contra qualquer tipo de opressão e preconceito (ASANTE, 2009).

Esse modo de pensar e agir alinha-se, então, à promoção da agência africana, ou seja, a uma tomada de atitude direcionada à ação baseada em experiências africanas (ASANTE, 2009).

A respeito da ‘agência’ africana, ela diz respeito à capacidade de usar recursos intelectuais e políticos buscando redefinir os papéis dos africanos, estabelecendo-os como protagonistas na construção das civilizações humanas e na produção dos conhecimentos. (NOGUEIRA JR., 2010).

A Afrocentricidade procura descobrir agência africana em toda situação. Quem somos nós? O que fizemos? Para onde viajamos? Qual é o nosso papel no desenvolvimento da Geometria? Sendo um povo, como funcionamos nesta ou naquela situação contemporânea? (ASANTE, 2015, p.106)

Seria, então, a agência africana uma capacidade favorável à “*perspectiva pós-colonial de desconstrução do eurocentrismo*”, seguida pelo filósofo camaronês Marcien Towa (1971) e pelo filósofo congolês Théophile Obenga (1990), para os quais a ideia da esterilização intelectual africana é um resquício da colonização que ficou na mente do ex-colonizado e que precisa ser desconstruída, promovendo ainda a valorização da história e da produção cultural africana (DANTAS e SILVA, 2016, p.2).

Por fim, outro termo que precisa ser elucidado é ‘racismo’, pois dele depreende a compreensão de muitos elementos abordados. Neste estudo, o racismo é visto como um

2 Afrocentricidade não é sinônimo de afrocentrismo, que defende que a base de todas as civilizações é africana, que a filosofia egípcia e africana foi apropriada pelas filosofias grega e ocidental e que o legado dos africanos foi inviabilizado pelo eurocentrismo. A afrocentricidade segue essa perspectiva, mas sua ênfase metodológica é pautada nos conceitos de localização e agência, pois somente com a centralidade da África e do conhecimento dos seus elementos constitutivos torna-se possível estabelecer o pertencimento e desenvolver uma consciência revolucionária (NOGUEIRA JR., 2014).

sistema de dominação que usa da desqualificação da população negra em benefício da população branca (ALMEIDA, 2018). A partir dessa lógica, a cultura africana e dos africanos da diáspora é vista como atrasada e o modelo europeu é enaltecido.

No Brasil, mesmo decorrido mais de um século do fim da escravidão, o racismo é ainda usado como um mecanismo de opressão capitalista, persistindo no país o preconceito pautado na ideia de que os atributos da população negra são feios, ruins e indesejados³. Esse pensamento cria e mantém estereótipos, preterindo e diminuindo o conjunto negro, podendo levar ainda por meio do poder a tratamentos diferenciados que trazem desvantagens, repudiam e promovem a exclusão dos negros, ou seja, à discriminação racial.

Na discussão feita neste estudo sobre literatura infantil e identidade negra importa-nos o racismo como ele ocorre hoje no Brasil. Não desconsideramos, porém, que há correntes que destacam um tipo de racismo antes da modernidade, do capitalismo ou da ‘invenção europeia’. Um fenômeno anterior até mesmo as suas primeiras definições. Moore, por exemplo, diz que desde os primeiros conflitos históricos, enquanto os vencedores eram exaltados, os povos vencidos eram inferiorizados e suas características fenotípicas eram desprezadas (MOORE, 2007).

Alguns fatos são apontados por essas perspectivas para provar que o racismo esteve presente desde as sociedades antigas. A análise de escritos ao longo da histórica revela que diversas sociedades anteriores descreveram de forma negativa os negros e eles eram segregados. Há antigos textos religiosos hinduístas, por exemplo, que representam os negros de forma pejorativa (HOFBAUER, 2015). Da mesma forma, há interpretações Bíblicas que ligam aos africanos a maldição que Noé anunciou à descendência de um dos seus filhos. As marcas fenotípicas também teriam sido usadas pelos romanos para os diferenciarem dos estrangeiros, daqueles não pertencentes àquela sociedade greco-romana. Explicitava-se a xenofobia quando os povos gregos e romanos promoviam uma separação entre eles, os civilizados e superiores, e os demais, designados de bárbaros e inferiores. Para eles, a distinção e a inteligência baseavam-se em características fundamentadas nos fenótipos (MOORE, 2007).

3 Oracy Nogueira (2016) apontou que há uma diferença entre o preconceito de marca, que seria o que vigora no Brasil, e o de origem, próprio dos Estados Unidos, que impõe restrições ao grupo negro por conta do pertencimento familiar. No primeiro há uma preterição do negro, mas se houverem ‘condições especiais’ (nível de instrução, cargo, poder aquisitivo), esse pode ser tratado com ‘exceção’.

Moore (2007) também diz que o racismo ligado à tonalidade da pele esteve fortemente presente no Império Árabe, que ocorreu entre os séculos 7 e 15, quando esse povo tomou grande parte da Europa, chegou à península ibérica (dominando essa região por 800 anos) e também ao norte da África. O início do holocausto africano teria iniciado em 652, quando os árabes estabeleceram o pagamento em escravos como condição de firmarem um pacto de não guerra com os africanos cushitas. Os homens africanos escravizados passavam, então, a compor os exércitos muçulmanos e participar das batalhas. Nota-se, porém, que no princípio da escravidão promovida pelos árabes, a maior parte dos escravizados não era composta de homens, e sim de mulheres, que eram levadas para os haréns. Nesse período, o empenho pela escravidão ainda não era motivado por intenções comerciais. Isso apenas aconteceu mais tarde após o contato dos árabes com os europeus. Nos escritos árabes daquele período, há textos que descrevem os negros de forma negativa e em condições de subalternidade. Por isso, ao dominarem parte do norte da África, não tiveram maiores constrangimentos de escravizar um povo que consideravam inferior (MOORE, 2007).

No contato com os Europeus, a cor da pele também foi motivo de racismo. Kabengele Munanga (2010) conta que quando os navegadores europeus se depararam com os povos nativos (índios e negros), questionaram até mesmo se eles poderiam ser chamados de humanos, se também eram 'filhos de Adão'. A humanidade só foi lhes atribuída a partir da aceitação da descendência adâmica.

Como foi visto, conforme Moore (2007), historicamente o racismo não tem operado por causa de preceitos ideológicos. É uma forma de consciência construída ao longo do tempo que persiste contemporaneamente. É um tipo de sentimento de certa forma inconsciente de repulsa, um desprezo e ódio dirigido a seres humanos que apresentam um determinado fenótipo. Persistente ao tempo, o fenômeno atravessa os níveis sociais e todas as formas de organização da sociedade, como a igreja, a política, a escola e demais.

Sem desconsiderar os estudos que buscam as raízes do sistema racista, como o objetivo deste trabalho é ver o racismo agora, entendemos que da forma como se apresenta hoje ele é um sistema de dominação capitalista. O capitalismo no Brasil não é neutro. As desigualdades nas distribuições das vantagens socioeconômicas e políticas têm sido mais perversas para os negros. O sistema econômico brasileiro é considerado como um “*capitalismo racista, onde a lógica do poder político do grupo branco se mistura com a do poder econômico*” (CUNHA JR., 2013, p.14).

Todos esses conceitos discutidos são importantes para analisar as produções literárias que trazem no seu enredo personagens negros com cabelos crespos e que apresentam aspectos da cultura e história dos povos africanos.

2.2 CABELO E ‘EMPODERAMENTO CRESPO’

O cabelo é um forte ícone identitário em várias culturas humanas. Pode estar ligado à virilidade, à fertilidade e a outros atributos; pode demarcar etnias e pertencimentos grupais e até mesmo estar relacionado com a religiosidade. O cabelo também é carregado de muitas simbologias. Tradicionalmente, seus penteados, tranças, amarrações e formas de pentear (ou não) revelam indícios sobre vários aspectos do africano, como o estado civil, a região geográfica a qual pertence, a religião, a classe social, a saúde mental, a posição diante da comunidade, dentre outras (GOMES, 2003; FIGUEIREDO, 2014).

Esses mesmos cabelos não estão imunes às relações de poder que, segundo Foucault (1997), tanto controlam o uso do corpo quanto demarcam o padrão que ele deve assumir. Ao se materializar o corpo e definir atributos relacionados ao ideal de perfeição, há o que é taxado como bom e o que é classificado como ruim, uma hierarquia que define o superior e o inferior.

Nessa lógica, o padrão branco é o mais valorizado, na estética do corpo e na cultura. O que é belo, nobre e puro é branco. Ao negro, atribui-se o exótico, o primitivo (GOMES, 2001) e, seguindo essa mesma lógica, há um desprezo que repudia os cabelos crespos e que deseja moldá-los ao padrão branco.

As relações de poder também adentram a escola. Por ser um espaço de interação da criança com o outro, a escola é fundamental para a formação da identidade. É na infância através da socialização que se inicia esse processo complexo de construção da identidade, que recebe influências de fatores intrapessoais, interpessoais e culturais (ERIKSON, 1972).

Mas, no Brasil, é na escola também que a criança negra escuta as primeiras críticas referentes ao corpo negro, pois o negro e o seu padrão estético também não são vistos de forma positiva nessa instituição (GOMES, 2003).

Características e atributos do corpo negro, como a tonalidade da pele e o cabelo crespo, são alvos de atitudes racistas nesse ambiente. Por isso, para a criança negra, a escola é um espaço onde o desenvolvimento do processo de construção da identidade negra é tenso.

No Brasil, os cabelos e os penteados dos negros têm sido, durante muito tempo, depreciados e marcados pelo conflito racial. No caso das crianças, desde o início da escolarização, em maior ou menor grau, elas são vítimas de preconceitos por causa do cabelo e/ou da cor da pele, se esses diferirem do que foi instituído como padrão socialmente aceitável (MATTOS, 2015).

Atitudes que colocam as crianças brancas em uma situação hierárquica superior, as intolerâncias e os preconceitos atuam sobre as subjetividades e provocam e/ou intensificam na criança negra uma identidade negativa do grupo étnico ao qual faz parte. No caso específico dos cabelos crespos das crianças, manifestações preconceituosas relacionadas a esse tipo de cabelo dificultam a percepção da beleza negra e podem interferir na autoaceitação dessas crianças (CAVALLEIRO, 2000; NOGUEIRA, 1998).

A depreciação das características físicas dos negros tem sido, segundo Munanga (2003, p.1), *“introjetada, interiorizada e naturalizada pelas próprias vítimas da discriminação racial”*. De acordo com Oliveira e Felício, os *“discursos são interiorizados e a partir disso se constrói uma sociedade que inconscientemente reproduz as mesmas práticas racistas aprendidas no contexto social”* (2014, p.2).

Por isso, Petronilha Silva (2007) aponta que é preciso promover uma ‘desintoxicação’, extinguindo preconceitos e ultrapassando estereótipos. Não é possível continuar fazendo vista grossa *“para as tensas relações étnico-raciais que ‘naturalmente’ integram o dia-a-dia”* dos brasileiros e permanecer conservando a cortina das tramas históricas que até hoje mantém atitudes racistas (SILVA, 2007, p.492).

Romper com essa lógica perversa, através da ressignificação da imagem negra e da valorização dos cabelos crespos, também pode ser considerado um movimento de resistência à opressão. E é nesse sentido que usamos neste estudo a expressão ‘empoderamento crespo’.

O termo empoderamento não surgiu exclusivamente para a população negra. Mazama (2009) explica que ele tem sido usado para outros grupos discriminados ou à margem do padrão ocidental considerado ‘normal’.

‘Empoderamento’ se refere ao processo de perceber criticamente o discurso da discriminação sofrida; reconhecer-se e assumir sua própria identidade como pertencente ao grupo discriminado; embasar e consolidar a autoestima necessária para tornar-se protagonista da sua própria vida, apesar da discriminação sofrida. Esse processo significa construir e exercer uma forma de poder em relação a si mesmo e à vida. (MAZAMA, 2009, p.127)

Nessa mesma perspectiva emancipatória, a expressão ‘empoderamento crespo’ refere-se ao rompimento com uma imagem dominante, por meio do qual os negros passam a decidir sobre como querem usar os seus cabelos e que é a sociedade que tem que se adaptar a eles e não mais o contrário (LOPES e FIGUEIREDO, 2018; MATTOS, 2015).

Sem diminuir a gravidade da persistência do racismo no Brasil, recentemente é possível observar um processo de ‘empoderamento crespo’, ou seja, de um movimento favorável à ressignificação da imagem negra, com a valorização da manutenção dos cabelos crespos ‘naturais’, sem alisamento, e do uso de penteados de matriz africana (MATTOS, 2015).

Essa nova direção pode ser observada nas mídias sociais e na televisão, impulsionadas muitas vezes por ‘youtubers’ e ‘blogueiros’, até então desconhecidos (SANTOS, 2015). A imprensa, em parte, reflete as mudanças societárias e é um termômetro significativo da expansão do fenômeno de ressignificação da imagem negra, que conquistou espaço, no Brasil, a partir das décadas de 60 e 70, com “*o surgimento de movimentos políticos e culturais que proporcionaram o reconhecimento positivo de ser negro*” e que ganhou mais corpo nos anos 80, época de “*solidificação de uma autoestima associada ao discurso de uma beleza negra específica*” (SANTOS, 2000).

É importante que a escola se torne uma aliada desse movimento de empoderamento por meio da afirmação nos negros, voltando-se a cumprir o que determina o Estatuto da Igualdade Racial (BRASIL, 2010), combatendo a discriminação e as demais formas de intolerância.

Mas é certo que o empoderamento não se dá apenas por causa do reconhecimento do cabelo crespo e/ou da pigmentação escura, ou por causa do impacto estético e político do corte de cabelo usado (PEREIRA, 2010). Porém, como o cabelo é uma marca forte da identidade negra, ele não pode ser desprezado, seu impacto na subjetividade das crianças negras pode ser grande.

Há um universo simbólico que permeia o ambiente escolar, no qual as suas dimensões simbólicas precisam ser investigadas e merecedoras de intervenções

pedagógicas planejadas. A escola precisa dar mais atenção a esse ícone da identidade negra que tem sido revalorizado e usado como elemento de afirmação da cultura e como forma de resistência da população negra (GOMES, 2002). Ela precisa, da mesma forma, envolver-se nesse movimento e caminhar abrindo espaços e criando estratégias para, a partir de uma abordagem afrocentrada, promover a valorização da imagem negra e combater o racismo.

2.3 ESCOLA E ABORDAGEM AFROCENTRADA

A escola não pode continuar sendo conduzida pela ideologia supracista branca. É preciso que ela rompa com essa lógica injusta que faz com que os negros reproduzam o sistema de dominação que os fizeram cativos. (MADHUBUTI & MADHUBUTI, 1990). Se as regras permanecem sendo as do branco, se o currículo trabalhado continua sendo estritamente o eurocêntrico, pouco adianta garantir representatividade no sistema de ensino, a inclusão, pois o discurso branco continua sendo legitimado.

Nas escolas brasileiras, a valorização do modelo eurocêntrico sempre esteve presente e a prática pedagógica não tem se ocupado de contar de forma sistemática a verdadeira história dos povos africanos. Ao projetar o padrão hegemônico branco, desconsiderar a história da África e não trazer referenciais positivos da cultura dos povos africanos e afrodescendentes, a escola tem contribuído com o racismo e reforçado a desigualdade racial. Essas práticas atuam diretamente sobre as crianças negras, provocando efeitos que vão desde o sentimento de inferioridade quanto da própria autonegação da identidade (FREITAS e LIMA, 2012).

Por isso, não devemos aceitar que a perspectiva eurocêntrica, historicamente usada como meio de dominação e alienação, continue sendo a única a vigorar na escola. O ponto de vista africano é outra perspectiva que precisa ser usada pelos professores para contar a história mundial, porque, embora tornada invisível, representa o retrato mais fiel da trajetória humana.

Os alunos negros também precisam ter a oportunidade de consolidarem a sua identidade a partir da percepção da sua existência enquanto ser africano. E o fortalecimento das suas raízes pode se dar por meio do conhecimento da história dos

povos africanos, da sua origem e cultura. Sendo assim, é importante que a África seja tratada na escola como berço da humanidade e que a sua influência sobre a mais antiga civilização europeia, a Grécia, seja reconhecida (ASANTE, 2015). Também é imprescindível mostrar a forma terrível como se deu a conexão entre africanos e europeus e revelar o holocausto africano.

Mesmo que a ideia de uma educação embasada na diversidade e no multiculturalismo seja apreciada, ela apenas pode ocorrer em um futuro. Antes é importante que as singularidades da África e do seu povo sejam evidenciadas, reconstituídas, por meio de uma educação que segua uma perspectiva afrocentrada.

Seguindo o paradigma da afrocentricidade, a educação afrocentrada é definida como aquela que “*utiliza preceitos culturais africanos e afro-americanos, processos, leis e experiências para resolver, orientar e entender o funcionamento humano em relação ao processo educativo*”. Ela é um direito que as pessoas de ascendência africana têm de, através do ‘recentramento’, de refinar o melhor delas mesmas (MADHUBUTI & MADHUBUTI, 1990, p.4).

A educação afrocentrada propõe apresentar ao aluno uma perspectiva baseada no ponto de vista africano, e não restringir ao eurocêntrico. Nesse sentido, o currículo acadêmico deve ser complementado com um núcleo básico que conduza à apreensão dos valores africanos e ao conhecimento das contribuições desse povo para a história e desenvolvimento da humanidade (MADHUBUTI & MADHUBUTI, 1990).

No Brasil, a partir da Lei nº 10.639/03 foi favorecido o estudo de conteúdos sobre a história e cultura africana e afro-brasileira na Educação Básica (BONIFÁCIO, 2015). Essa lei, fruto de reivindicações do Movimento Social Negro, vai de encontro à ideia de que é necessário refletir e modificar algumas práticas na escola que dificultam a valorização da identidade negra e abre espaços para problematizar e desnaturalizar os padrões de condutas reforçadores de processos discriminadores e para dar lugar ao registro e à divulgação da história não contada das mulheres e homens negros do Brasil e dos seus ancestrais.

As ‘Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana’ é outro instrumento que abre espaço para essa abordagem ao apontar que, no Brasil, lutar para a superação do racismo e da discriminação é uma tarefa tanto dos movimentos sociais, quanto da escola, por meio das suas educadoras e dos seus educadores (BRASIL, 2004).

Essas normas permitiram um avanço no campo em pauta, e novos estudos têm sido produzidos para pensar as abordagens dos conteúdos que tratam da África e “*os saberes africanos produzidos no continente africano e nas suas diásporas*” (PAULA, 2013, p.23). Nogueira Jr. (2010), por exemplo, dedicou-se a refletir sobre as possibilidades de explorar um currículo a partir da ótica afrocêntrica e articulou elementos de um currículo afrocentrado com as grandes áreas dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio.

Por exemplo, na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, trabalhar palavras que possuem uma conotação racista e pejorativa, como ‘denegrir’; na área de Ciências da Natureza, situar o continente africano como berço da humanidade e estudar a tradição da medicina africana e na área de Ciências Humanas, recusar a visão eurocêntrica, problematizar a posição ‘inferior’ da África nos mapas, entre outras estratégias. (TORRES e JESUS, 2018, p.12)

Para caminhar alinhado aos marcos legais que permitem a concepção de um currículo a partir da ótica afrocêntrica é preciso gerar ainda mais conexões e produzir materiais didáticos e livros sobre a África, evidenciando e reconstituindo a história do seu povo e dos povos africanos em diáspora.

Em parceria com a Unesco, um grande passo foi dado pelo Ministério da Educação ao, após a tradução para português em 2010 da Coleção História Geral da África, publicar a síntese da coletânea em dois volumes para possibilitar a ampliação dos conhecimentos dos professores em relação à história e a cultura africana. Para a Educação Infantil, o Ministério da Educação também publicou um livro de apoio aos professores contendo projetos (Espaço Griô e Capoeira) para serem desenvolvidos em sala de aula abordando elementos da história e cultura africana e afro-brasileira (SILVÉRIO, 2013).

Acreditamos que esses e outros materiais didáticos e sugestões para o currículo são essenciais para ajudar o professor a trabalhar com esses conteúdos, tendo em vista que os temas e questões da história africana e afro-brasileira sempre foram omitidos ou silenciados nos cursos de formação (BRASIL, 2014)

Ressalta-se, entretanto, a necessidade de produção de livros e materiais que não reforcem estereótipos e que explorem corretamente os elementos e valores da cosmovisão africana. Um projeto afrocentrado, segundo Karenga (2003, *apud* Nogueira Jr., 2010) segue princípios fundamentais, como a centralidade da comunidade; o respeito à tradição; o alto nível de espiritualidade e envolvimento ético; a harmonia com

a natureza; a natureza social da identidade individual; a veneração dos ancestrais e a unidade do ser.

Outra diretriz proposta é a Pretagogia, que é um referencial teórico-metodológico para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico pautado em valores da cosmovisão africana. Esse referencial apresenta também princípios que precisam ser seguidos para uma abordagem afrocentrada (PETIT, 2015, pp.122-123):

a) o autorreconhecimento da afrodescendência, assumindo a África como raiz da sua linhagem, nutrindo um sentimento de pertencimento e o orgulho de ser negro, mantendo uma postura auto afirmativa;

b) a apropriação da ancestralidade, valorizando os ancestrais e seus saberes e entendendo que o reconhecimento dos mesmos estabelece uma conexão com eles e favorece a identidade coletiva;

c) a religiosidade de matriz africana, que é fonte das manifestações culturais africanas, como base e entrelaçamento de saberes e conhecimentos, produzindo uma forma de pensar e agir a partir da fé na força vital que perpassa o universo;

d) o reconhecimento da sacralidade, compreendendo que os saberes da cultura africana são sagrados e que a espiritualidade está presente na natureza e que todos os seus elementos constitutivos precisam ser respeitados. Há um vínculo existencial do homem com outros elementos do cosmo. As pessoas e o meio ambiente estão ligados;

e) o corpo como fonte primeira de conhecimento, produtor de saberes e guardião da memória coletiva, ele não se dissocia da natureza e como parte dela também é um elemento da sacralidade. O corpo é o primeiro território sagrado dos seres humanos;

f) a tradição oral, uma vez que a oralidade (por meio da fala, das cantigas e das vibrações dos seres da natureza) é fundamental na disseminação do conhecimento;

g) a circularidade, como princípio que está presente nas relações entre os seres, os tempos e as coisas. A vida é cíclica e o movimento circular integra toda a humanidade. O círculo está presente na religião, nos tambores, na capoeira, no jongo, e em outros jogos e brincadeiras. É a partir do sentar em roda que as histórias são passadas, que as músicas são entoadas e que a coletividade se fortalece.

h) o território, entendido a partir da noção de que o espaço-tempo é perpassado pela sacralidade, construído histórico-socialmente por diversas gerações. O presente é reflexo do passado, sendo importante os ensinamentos das gerações anteriores;

i) a compreensão do lugar social historicamente atribuído ao negro, impactado pelo racismo estrutural, exigindo posturas de combate aos estigmas.

Essa última diretriz é importantíssima para a educação na perspectiva afrocentrada, pois ela se volta a desenvolver uma reflexão sobre as relações de poder que têm subjogado os seres humanos, em especial as diferentes etnias africanas.

Também acreditamos que corrobora com a educação afrocentrada a iniciativa de descobrir as literaturas infantis e novos materiais didáticos que seguem essas diretrizes e princípios e que abordam conteúdos e temas que podem ser trabalhados em sala de aula para a valorização da imagem e da cultura dos povos africanos e em diáspora e para o empoderamento das crianças negras.

Sabemos que apenas ter no seu enredo um personagem negro não enquadra o material ou a obra literária em uma perspectiva afrocentrada. Em síntese, é preciso que evidenciem as contribuições dos africanos para a humanidade, ressaltem a história e cultura da África e garantam a representatividade de personagens negros positivos. Além disso, como vimos, há elementos, valores, ideias nessa direção que precisam ser abordadas. Natureza, temporalidade, ancestrais, oralidade, circularidade, religiosidade, ritualidade, centralidade da África, reconhecimento da sua produção histórica e cultural, africanos como sujeitos e agentes de fenômenos, todos esses elementos são marcadores que, em alguma medida, devem estar presentes nos materiais didáticos e livros na perspectiva afrocentrada.

É um grande desafio desenvolver uma educação capaz de *“moldar a personalidade africana para prosperar em uma cultura que historicamente humilhou suas características, negou sua existência e coordenou sua destruição”* (MADHUBUTI & MADHUBUTI, 1990, p.6). Porém, é preciso se esforçar para caminhar nesse sentido. E isso não deve ocorrer apenas na África, também no Brasil é importante alinhar com esse paradigma as práticas pedagógicas, livros e materiais usados, desenvolvendo um trabalho a partir da perspectiva africana.

3 OS ESTUDOS SOBRE A LITERATURA INFANTIL AFRO

Este capítulo apresenta alguns estudos científicos publicizados em teses, dissertações e artigos que analisaram livros contemporâneos de literatura infantil com personagens negros, cujas produções acadêmicas foram desenvolvidas especialmente após a promulgação da Lei nº 10639/03.

A busca pelos estudos sobre a literatura infantil que contêm personagens negros partiu do entendimento de que o mapeamento e a observação desses trabalhos científicos poderiam fornecer dados e gerar conhecimentos para intensificar a reflexão sobre a contribuição da literatura infantil contemporânea para a valorização da identidade positiva das crianças negras.

Há indagações importantes capazes de terem sido privilegiadas por esses estudos e que poderiam acrescentar dados ao presente estudo: As imagens e discursos que compõem os livros de literatura infantil são capazes de trazer referenciais positivos para as crianças negras? Ou a produção literária tem caminhado em uma direção contrária à proposta de empoderamento, reforçando estereótipos e imagens negativas dos negros? Um olhar sobre os autores da literatura infantil contemporânea revela a contribuição de escritores negros para a produção de livros direcionados ao público infantil com personagens e protagonistas negros? Após o estabelecimento da Lei nº 10639/03 houve um maior empenho em produzir livros infantis com personagens negros e que abordam a cultura e história dos africanos e afro-brasileiros? Ainda há carências de tais produções literárias?

Foi em busca desses dados e outros mais que poderiam se destacar que o estudo da arte foi desenvolvido, pois ele poderia evidenciar os achados da academia sobre a temática e também revelar quais as inquietações que têm fomentado os estudos mais recentes e as questões que ainda precisam ser discutidas.

Este capítulo, após brevemente apontar a trajetória da inclusão dos personagens negros na literatura infantil brasileira, discutirá os textos encontrados nos repositórios de textos das bibliotecas eletrônicas e das revistas científicas e periódicos disponibilizados na web. Os descritores de busca usados foram: literatura infantil e os termos afrodescendente, africana, negra e afro-brasileira.

3.1 BREVE HISTÓRICO DA ABORDAGEM LITERÁRIA DOS NEGROS

A beleza padrão na sociedade ocidental é tida como a eurocêntrica e é essa a beleza historicamente também retratada na literatura. No Brasil, o papel de protagonistas dos enredos era reservado aos brancos. Os personagens negros, quando apareciam na narrativa, representavam subalternos ou marginalizados: o serviçal, a cozinheira, o pobre, o sujo, o ladrão ou o marginal. Suas roupas e apresentação físicas nada atraentes (ABRAMOVICH, 2008).

Essa falta de representatividade positiva tem provocado ao longo da história do país impactos nas subjetividades das crianças, que acabam inferindo que o belo sempre é branco. O bom da mesma forma foi relacionado com o belo. O herói era o belo. No imaginário, a proteção e segurança viriam sempre do branco, pois ele era o belo e, por isso, o bom (COELHO, 2000).

Mais do que o impacto das imagens estereotipadas, a persistente ausência quase absoluta no corpo negro promove a atribuição de aspectos negativos à imagem do negro. A falta de representação do grupo negro reforça a representação superior e ideal de personagens brancos. A *“afirmação de um modelo sugere, subjetivamente, a negação do outro”* (PERES; MARINHEIRO; MOURA, 2012, p. 12).

No Brasil, só a partir de 1920 é que personagens negros começam a aparecer nas histórias infantis. Antes disso, nas produções literárias, o negro era invisibilizado, personagem que raramente aparecia e quando isso ocorria normalmente interpretava indivíduos sem voz na narrativa, com participação que não ia além da representação do período da escravidão, como é possível observar em ‘Contos pátrios’ (1906), de Olavo Bilac e Coelho Neto, no qual descrevem com ternura a submissa personagem Mãe Maria (GOUVÊA, 2005).

As primeiras histórias que apresentavam personagens negros retratavam uma sociedade que acabava de sair de um longo período de escravização dos negros e a condição de subalternização dos mesmos era o retrato fixado. *“Não existiam histórias, nesse período, nas quais os povos negros, seus conhecimentos, sua cultura, enfim, sua história, fosse retratada de modo positivo”* (JOVINO, 2006, p. 187).

O livro ‘Reinações de Narizinho’, por exemplo, publicado pela primeira vez em 1931, tecia críticas que desmereciam à única personagem negra da trama, ‘Anastácia’. Essa era representada como ‘animal’. Mesmo quando não era hostilizada, e tratada

como integrante da família, seu *habitat* era a cozinha. Chamada de “*negra de estimação, o que reforça a sua inferioridade e a teoria de que negros só ocupam os papéis de serviçais, malandros, dignos de piedade*” (SILVA, 2010, p. 29).

A partir de 1975, inicia-se uma fase na qual a produção literária infantil é mais comprometida com outra representação da vida social brasileira e os personagens negros aparecem com mais frequência nas histórias apesar de não representarem nas narrativas figuras centrais ou de prestígio. O branco permanecia sendo exaltado e apresentado como superior. Os negros, ao contrário, nunca eram destacados, nem eram referência positiva para o público leitor (SOUZA e MARTINHÃO, 2016).

Atualmente, porém, já se encontram literaturas infantis com negros como protagonistas, narrativas que valorizam sua cultura e história e que não enfatizam apenas sofrimento e escravidão. Há obras literárias que:

retomam traços e símbolos da cultura afrobrasileira, tais como as religiões de matrizes africanas, a capoeira, a dança e os mecanismos de resistência diante das discriminações, objetivando um estímulo positivo e uma autoestima favorável ao leitor negro. (JOVINO, 2006, p. 216)

Essas literaturas que apresentam negros como protagonistas podem contribuir para romper com visões eurocêntricas, estabelecidas sob fundamentação das desigualdades (SILVA, 2010). As crianças precisam, cada vez mais, entrarem em contato com a beleza das imagens dos negros e com as narrativas que levem a reflexões sobre o grande valor e contribuição da África e do povo africano para a formação da sociedade humana. Isso pode desenvolver nas mesmas o orgulho da sua história e cultura, o orgulho de serem negras, de serem quem são (SILVA, 2010).

Ainda há, certamente, tal qual confirmam Flores e Amorim, um longo caminho para a representação da África em todos os livros com personagens negros,

como centro referencial ancestral, não universalista nem essencialista, bem como pelo estabelecimento de um paradigma cognitivo afrocêntrico, que vincula a ancestralidade africana à experiência diaspórica do negro na construção de um novo conhecimento sobre o mundo. (2011, p.59)

Mas, produzir textos literários contendo personagens negros como protagonistas e/ou representados de forma positiva já é uma forma inicial de tentar corrigir parte das injustiças, diminuir as desigualdades e promover a valorização acerca da diversidade. Por isso, é tão importante observar a produção científica e ter acesso à análise feita pelos estudiosos que buscaram refletir sobre os personagens negros no contexto da literatura infantil.

3.2 LITERATURA INFANTIL E PERSONAGENS NEGROS

O estudo sobre os trabalhos que analisaram, especialmente após a promulgação da Lei nº 10639/03, a produção literária para o público infantil que possuem em suas narrativas personagens negros identificou 20 artigos, 11 dissertações de Mestrado e 2 teses de Doutorado, produzidos no campo de estudo da Educação e da Literatura.

O primeiro atributo observado nos textos que compõem o estado da arte investigado se refere à forma de representar os personagens negros na literatura infantil. França (2006) fez um estudo nesse sentido. Analisou as representações de personagens negros que aparecem nas obras literárias produzidas para o público infantil em textos de várias épocas. Notou que da década de 20 até o ano 2000, há considerável transformação positiva na literatura infantil brasileira. Divide essas produções em três fases, a saber: primeiro uma fase de racismo declarado, na qual a produção literária infantil invisibilizava o negro e reforçava estereótipos; uma segunda fase em que a estereotipação negativa continuava presente, mas já era possível observar a presença de protagonista negro, rompendo com a invisibilidade que havia no período anterior; uma terceira fase na qual se observa uma proposta anti-racista, devido as produções literárias infantis iniciarem um trabalho de desconstrução da estereotipação e da imagem negativa, o que pode indicar um movimento no sentido de eliminar o racismo em todas as produções dirigidas ao público infanto-juvenil. O autor entende que essas transformações se devem à luta dos movimentos negros, e também ao aparecimento de um mercado consumidor que requer livros com essas características.

Gouvêa (2005) também analisou a produção literária com personagens negros que apareceram na literatura destinada às crianças brasileiras. Observando as três primeiras décadas do século XX, verificou que, nas obras produzidas até 1920, não aparecia a figura do negro ou aparecia remetida ao passado escravocrata. Apontou que o apagamento de personagens negros da literatura da época reflete a marginalização que esses sofreram no período pós abolição. A partir de 1930, detectou uma pequena alteração nas narrativas e os personagens negros começaram a aparecer com mais frequência e em histórias que demonstravam uma aparente igualdade e integração social. No entanto, a narrativa ainda era etnocêntrica e a representação dos negros continuava sendo estereotipada.

Segundo a pesquisa de Gouvêa (2005), os negros eram descritos nos livros como “*a negra velha, a preta velha, o preto velho, ou aparecia crianças negras que partilhavam, mesmo que numa posição social servil, o cotidiano das crianças brancas*” (GOUVÊA, 2005, p.86). Era evidente a destituição da identidade étnico-cultural do negro, reduzida a diferenciações físico-raciais. A possibilidade de tal convivência dava-se por meio do embranquecimento dos personagens negros, do despojamento de sua identidade racial. A literatura do período de 30 revela a construção de uma imagem de integração, a aparente igualdade desqualificava a imagem, a história e cultura negra. Havia uma intenção de embranquecimento dos personagens, portanto uma literatura infantil que induzia ao embranquecimento do leitor, pois sempre apresentavam o branco e suas características como superiores (GOUVÊA, 2005).

No conjunto dos textos científicos que foram selecionados por abordarem a literatura infantil com personagens negros, outro atributo ressaltou-se. Grande parte dos pesquisadores analisou a produção literária com personagens negros a partir do enfoque nas obras distribuídas pelos programas governamentais que distribuem livros de literatura infantil para as escolas públicas. Bernardes (2018), por exemplo, tomando como base os textos e ilustrações de todos os livros infantis do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), nas edições de 2008, 2010, 2012 e 2014, identificou os que abordavam a cultura afrobrasileira e africana. Constatou que, de um total de 260 livros que foram disponibilizados pelo programa, apenas 61 desses exemplares desenvolviam essa temática. E desses, apenas 12 foram avaliados positivamente, pois estavam coerentes com a proposta de valorização da história e da cultura africana e afrobrasileira. O estudo de Bernardes (2018) deixou evidente que ainda não há no mercado literário número suficiente de obras envolvendo a temática étnico-racial.

Daddie (2013) também investigou livros de literatura infantil com protagonistas negros do acervo de uma biblioteca escolar de uma escola municipal de educação infantil da cidade de São Paulo. Após a pesquisa, identificou que, entre os anos de 2008 e 2010, essa instituição recebeu apenas 4 obras que apresentavam protagonistas negros. Considerando todo o acervo da escola, constatou que, dentre os 1500 livros de literatura infantil do acervo educacional, havia apenas 33 obras com protagonistas negros. Esses números revelam a grande carência de livros dessa natureza, tanto na escola quanto nos acervos dos programas que enviam livros para as escolas municipais do local, nesse caso o Programa de Compras da Prefeitura do Município de São Paulo e o PNBE.

A precariedade do número de histórias infantis no mercado editorial foi discutida por Horta (2010), que observou o catálogo da editora Companhia das Letrinhas de 2005 e viu que, de 332 obras infantis, apenas 13 traziam a presença de personagens negros. Essa discrepância que produz muito mais obras com personagens brancos do que com negros pode ser observada em outras editoras, pois é:

reflexo do descaso e marginalidade com que não só o mercado editorial, mas também a sociedade como um todo trata as questões étnico-raciais. Essa falta de representação da criança negra colabora com o desaparecimento da diversidade cultural e com o branqueamento. (HORTA, 2010, p.7)

Para Horta (2010), a falta de abordagens sobre a história dos africanos e afrodescendentes é uma influência negativa que contribui para distorcer as identidades, ainda em fase inicial de formação, dos pequenos leitores e que pode culminar na formação de adultos com conflitos em relação à sua afirmação como sujeito negro.

Ainda sobre o número deficiente de obras que abordam questões étnico-raciais, Lopes e Arena (2013) produziram um estudo sobre quantos e quais, dentre as obras infantis que o Programa Nacional Biblioteca Escolar selecionou no ano de 2010, apareciam personagens negros. Constataram que em apenas 8 livros havia presença desses. Na pesquisa, coletaram também dados empíricos entrevistando alunos do 2º e 5º ano de escolaridade do Ensino Fundamental de uma escola de uma cidade do interior do Estado de São Paulo e constataram que os estudantes negros não encontravam literaturas infantis suficientes para o auxílio na construção de suas identidades negras. As crianças entendem que essa ausência de se verem refletidos no outro dificulta a elaboração dos contornos de suas próprias existências.

Venâncio (2009) observou a hierarquização social também nas obras literárias do acervo do PNBE. Analisou 20 livros da literatura infanto-juvenil distribuídos em 2008 e direcionados a alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Fez uma análise crítica nas imagens e discursos que apareceram nessas literaturas e constatou apenas um pequeno decréscimo em relação à frequência de personagens brancos dominantes e negros dominados. Quem ainda predomina é o personagem masculino, branco e sem deficiência. Além disso, segundo Venâncio (2009), é persistente e facilmente observável a relação de subordinação do personagem negro no desenrolar das histórias.

Outro estudo que apontou a carência de produções que valorizam as características físicas e culturais dos negros foi o desenvolvido por Mariosa e Reis (2011), que alertaram que essa desvalorização contribui para que as crianças negras rejeitem sua história e ancestralidade, prejudicando suas identidades.

Para Amorin (2014), a literatura infantil tem grande contribuição nas relações entre emoção, cognição e construção identitária. O que deveria ser um processo tranquilo, é preocupante, no caso das crianças negras, o seu potencial de influência no desenvolvimento, porque que a literatura infantil negra ainda não tem visibilidade e penetração suficiente nas escolas. Mesmo quando presente, não é usada no dia a dia, o que fortalece a ideologia do branqueamento, discriminação e exclusão nas escolas, visto que as leituras infantis eurocêntricas e com visões estereotipadas sobre o negro, sua identidade e seus valores reinam sozinhas.

Essas visões apresentadas nessas obras podem ter reflexos demasiadamente negativos para as crianças negras, como observaram Campos e Amarilha (2017) após a realização de sessões de leitura em uma turma com crianças alfabetizadas e outras ainda em processo de alfabetização. As obras selecionadas para análise foram: ‘Um safári na Tanzânia’ (KREBS e CAIRNS, 2007); ‘O presente de Ossanha’ (SANTOS e VENEZA, 2006); ‘Kofi e o menino de fogo’ (LOPES e MOREAU, 2008); ‘Bruna e a galinha d’Angola’ (ALMEIDA e SARAIVA, 2011); ‘As panquecas de Mama Panya’ (CHAMBERLIN e CAIRNS, 2005) e ‘Anansi, o velho sábio’ (KALEKI e GÖTTING, 2007).

Campos e Amarilha (2017) identificaram em algumas falas dos alunos o racismo impregnado desde muito cedo, quando, por exemplo, uma criança afirma que não gostaria de ficar perto de tanta gente preta. Detectaram também discursos muito preconceituosos em relação às religiões de matriz africana. Perceberam ainda nos diálogos com as crianças a deturpada relação negro x sujeira. Concluíram que há grande necessidade de presença de literaturas infantis que enfoquem a história e a cultura da África nas salas de aula, porque esse pode ser um caminho para desconstruir ideias deturpadas e para construir uma visão da ancestralidade e humanidade que ainda é silenciada.

A dificuldade que alguns professores enfrentam quando precisam mediar esse tipo de discussão e confrontar essas ideias foi uma conclusão de Campos e Amarilha (2017) proveniente da reflexão sobre as falas das crianças e sobre a forma de mediação das mesmas nos momentos de leitura e discussão. E a observação dessa dificuldade levou à constatação da necessidade de qualificação para que os professores possam atuar conduzindo a leitura de narrativas que enfoquem no racismo e preconceito, de forma que a sala de aula possa se tornar um ambiente de efetivo aprendizado crítico e

não de omissão, para que os alunos sejam orientados e não deixados à mercê de preconceitos que a sociedade impõe.

Os estudos de Santiago (2015) também abordaram a preocupação com a necessária atenção para lidar com textos que discutem o racismo e sobre critérios que precisam conduzir a seleção das narrativas a serem apresentadas às crianças, pois elas são impactadas pelo racismo e reprodução de preconceitos raciais e desigualdades que lhes são revelados através da linguagem da obra. As crianças negras atingidas pelas menções racistas muitas vezes se calam, sentindo-se inferiorizadas; são poucas as que reagem demonstrando que não aceitam serem menosprezadas e enquadradas em posições subalternas impostas pela sociedade.

Há narrativas que, apesar de terem como propósito denunciarem o racismo, reforçam o preconceito e discriminação, como observa Pestana (2008). Suas conclusões partiram da análise da literatura considerada de cunho antirracista ‘Nó na garganta’ (1991), da escritora branca Mirna Pinsky, e da obra ‘A cor da ternura’ (1998), da escritora negra Geni Guimarães, que apresenta na narrativa literária uma rotina de trabalho de indivíduos negros não escravizados. Constata nos dois livros que tanto o conteúdo escrito quanto as ilustrações dessas literaturas não contribuem para a formação de uma identidade positiva do leitor negro. Isso porque eles dificilmente se veriam representados positivamente nessas histórias, pois mesmo sem retratar a escravidão elas utilizam expressões e imagens pejorativas. Como exemplo, destacando uma página da obra ‘A cor da ternura’ na qual aparece uma ilustração, argumenta que há na imagem “*deformidade na face da criança. Os lábios são exagerados. As pernas se misturam ao cenário de fundo, provocando distorções. A orelha deformada causa assombro*” (PESTANA, 2008, p.14). Destaca que, da mesma forma, na literatura ‘Nó na garganta’, tanto no início quanto no final da obra, o personagem aparece com aparente tristeza, mirando-se em espelho. Tristeza que é simbolizada pela lágrima que rola no rosto. As situações retratadas nas obras citadas acabam por legitimar a estereotipia negativa, às vezes de forma velada, outras vezes explícita (PESTANA, 2008).

Essa preocupação de como a imagem negra é retratada não se deu apenas nas obras literárias. Ao analisar um livro de Língua portuguesa do 5º ano do Ensino Fundamental, pertencente ao programa Nacional do Livro Didático (PNLD), Silva (2015) buscou observar nas imagens a naturalização da branquidade, propagação de discriminação étnico-racial e permanências ou mudanças em relação às hierarquias raciais. Concluiu que nas abordagens do livro analisado há um silenciamento em relação

às questões étnico-raciais. Percebeu uma enorme disparidade entre as representatividades e a análise demonstrou o quanto está arraigada na sociedade brasileira a aceitação da condição de superioridade do branco. Também evidenciou a vulnerabilidade de crianças negras, que apareceram no livro realizando trabalho infantil, demonstrando violação de direitos. O livro foi considerado superficial e insuficiente em relação à abordagem que envolvem a temática racial; os textos não contemplaram a história e cultura africana e afro-brasileira, não apareceram nas fábulas, textos ou contos afins, que poderiam ser usados para ampliar o conhecimento dos alunos sobre a história e cultura africana.

Também sobre livros didáticos e paradidáticos que as crianças têm contato nas escolas, Souza, Lopes e Santos. (2007) entendem que esses materiais, desde a Educação Infantil, devem ser selecionado criteriosamente de forma que proporcionem às crianças negras uma imagem positiva de si mesma, para que essa possa respeitar e entender a própria imagem. Devem ser usados na escola livros que apresentem abordagem e modelos anti-racistas, que apresentem negros bem-sucedidos e heróis negros, por exemplo, que facilitem a esses alunos o entendimento da cultura e história dos africanos e afro-brasileiros e que permitam e favoreçam a sua construção identitária.

A carência nos livros de abordagem favoráveis à constituição identitária dos negros poderia ser minimizada pelas obras literárias, porém a literatura que poderia fazer essa complementação, por mais que tenha avançado, ainda é deficitária e/ou apresenta incoerências.

Outra situação discutida nos textos selecionados para a verificação do estado do conhecimento refere-se ao fato de que algumas literaturas, apesar de apresentarem personagens negros, tratam as características étnico-raciais com indiferença, sem problematização, como observou Rufino (2010), que analisou 23 livros de histórias infantis adquiridos pela Secretaria da Educação do município de Criciúma/ SC. Desses livros analisados, em 20 havia protagonistas negros ou abordavam a temática africana ou afro-brasileira, e esses foram divididos em categorias e posteriormente em subcategorias, a saber: história e cultura africana e afro-brasileira; o negro como protagonista em história específica; contos; personagens negros em uma leitura contemporânea e brasileira; evidência das características étnico-raciais e indiferença a essas características. Rufino constatou que a subcategoria com maior número de livros é a que as literaturas tratam características étnico-raciais dos protagonistas como

indiferentes, ou seja, não discutem nem valorizam a temática, desperdiçando a chance de enaltecer e valorizar a identidade negra.

Ainda sobre o silenciamento em relação à situação do negro nas obras infantis, Moreno (2015) analisou livros de literatura infantil disponibilizados pelo MEC no ano de 2012, veiculados no Programa Nacional Biblioteca da Escola com o objetivo de observar como essas literaturas abordam o negro e quais os efeitos dessas narrativas. Mapeou o acervo a procura de livros com personagens negros e analisou os livros em que esses apareciam, observando tanto o protagonismo com o silenciamento em relação a presença de personagem negro. Após analisar os discursos, percebeu presença mínima de personagens negros e concluiu que persiste o silenciamento em relação a esses quando comparado com o quantitativo de personagens brancos.

As obras infantis publicadas pós promulgação da Lei nº 10.639/03 e o trabalho didático realizado com elas também foram alvo de análise. Sousa (2016), por entender que ainda há resistência para o trabalho com a Lei 10639/03, utilizando-se de contos com personagens negros realizou uma pesquisa em uma classe hospitalar explorando livros que abordam a cultura e história dos africanos e afro-brasileiros. Ao final do trabalho com as crianças de 11 e 12 anos, relatou que observou que essas crianças não questionaram a ideologia racista, sujeitaram-se à ideologia dominante no que se refere às questões relacionadas à identidade racial. O estudo apontou para a necessidade de realização de novas pesquisas que levem à reflexão acerca da dominação ideológica de raça.

Luz (2018) analisou produções literárias infantis publicadas após promulgação da Lei nº 10639/03, observando 27 livros disponibilizados pela biblioteca Municipal Paulo Duarte em São Paulo, biblioteca que possui um acervo exclusivo de obras africanas e afro-brasileiras. Luz (2018) investigou se esses ainda mantinham a operacionalização do racismo nas narrativas dos livros infantis de anos anteriores, ou seja, da colocação em prática da discriminação e do preconceito racial nas imagens e narrativas. Encontrou esse discurso normativo e preconceituoso em 2 dos 27 exemplares.

Silva e Freitas (2016) relatam que depois do surgimento dessa legislação houve uma série de ações para o cumprimento da normativa. A Prefeitura de Belo Horizonte, por exemplo, produziu e a distribuiu para as escolas da rede municipal kits de literatura afro-brasileira e livros de literatura infantil com foco na temática étnico-racial. Ao investigarem as representações dos negros divulgadas nesses materiais, identificaram

que o conteúdo das obras de literatura infantil valorizou as histórias e cultura africana, funcionando como instrumento de multiplicação de representações positivas sobre o negro. Iniciativas em outras localidades, com a aquisição e kits semelhantes ao adquirido pelo executivo municipal, podem permitir novas leituras sobre a cultura africana e afrodescendente, favorecer a construção identitária e contribuir para uma educação antirracista. Há que ser investigado o sucesso de outras experiências para avaliar até que ponto os grupos historicamente invisibilizados e silenciados na literatura infantil podem encontrar atualmente novas possibilidades para afirmação e valorização dos mesmos.

Estudando a criança negra na historiografia educacional brasileira, Figueiredo (2010) chegou à conclusão de que nas atuais produções estão ocorrendo mudanças na forma de representar a criança negra. Algumas das mais recentes narrativas infantis já apresentam a valorização da identidade e das diferenças étnico culturais, conteúdos que contribuem para desconstruir estereótipos negativos sobre os negros, concorrendo para uma identidade positiva na criança negra brasileira.

Dupont (2013) selecionou alguns livros de literatura infantil que apresentavam crianças negras e analisou como se davam as suas caracterizações nas histórias no decorrer dos anos. Constatou, da mesma forma, que as obras deixaram transparecer as modificações que aconteceram na sociedade brasileira em relação ao indivíduo negro. Apontou a histórica problemática da dificuldade das crianças negras em se identificarem nas narrativas infantis porque elas sempre retratavam o padrão de beleza europeia. Mas, segundo os seus estudos, houve uma intensificação na produção de obras literárias infantis após a Constituição de 1988 e a aprovação da Lei nº 10639/03. Apesar da abertura de novos espaços nas últimas décadas, é preciso intensificar ações também para o respeito às diferenças e para a valorização do negro.

Outros autores apontam que uma série de livros inovadores tem sido produzidos para o público infantil e que destacam a imagem negra ou elementos da cultura afro, repensando estereótipos e favorecendo a ressignificação de diversos elementos. Santos (2017), por exemplo, cita a obra ‘O Cabelo de Lelé’, de autoria de Valéria Belém (2007), a qual foi analisada no que se refere a sua contribuição para a formação da criança negra e das demais crianças. Ressalta que, desde a capa, a obra inicia valorizando e reforçando a identidade racial, dialogando com o leitor e o chamando à reflexão. Segundo Santos (2017) esse tipo de literatura infantil pode causar impactos diretos e eficazes na construção identitária da criança, independente de etnia, pois pode

favorecer debates frutíferos se o docente souber interferir. A personagem principal da obra analisada, Lelê, passou por modificações na forma de ver o mundo, após o seu acesso a livros sobre a história da África. Assim como houve uma transformação na personagem, o contato com as literaturas infantis que trabalham o respeito às diferenças étnicas pode levar as crianças a obterem sucesso nas necessárias mudanças de pensamento pelas quais muitos precisarão passar, devido a serem expostos a exemplos negativos que, por vezes, culminam em rejeição da própria origem.

Gomes Júnior (2017) analisou, junto aos alunos do quarto período do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 7 (sete) livros de literatura infantil, visando saber se está havendo valorização e reconhecimento da identidade do negro nas literaturas que evidenciam o personagem negro como protagonista. Após análise dos livros, concluiu que está ocorrendo uma quebra de paradigma e que estão sendo inseridas nas literaturas infantis informações que contribuem para modificar ideias preconceituosas e discriminatórias sobre os indivíduos negros. O autor entende que a escolha das narrativas infantis a serem apresentadas para os discentes podem facilitar às crianças negras o reconhecimento de si mesmas e a valorização de suas etnias e culturas.

Ramos (2007) procurou entender se livros de histórias infantis com protagonistas negros têm impactos favoráveis na identidade étnico-racial das crianças. Para esse fim, realizou contação de histórias em uma escola do município do Rio de Janeiro. Através da análise das falas e desenhos das crianças, pode observar que, se bem selecionadas, as literaturas infantis podem ser um grande diferencial para a identificação étnico-racial dos discentes e fonte de conhecimento sobre cultura africana.

Nessa mesma direção, Silva (2012) aponta a importância de autores negros escreverem para crianças negras. Entende que a vivência desses autores quando crianças pode contribuir para fortalecer o enfrentamento ao racismo presente na sociedade brasileira. Discute que obras de autoras negras, como Nilma Lino Gomes, Maria Aparecida Silva Bento e Kiusan de Oliveira, deixam transparecer o zelo das autoras ao relacionarem palavras às imagens, ao discutirem os conflitos sociais e formas positivas de enfrentá-los. A autora analisou as obras 'Betina', 'Núbia rumo ao Egito' e 'Omo-Oba' dessas escritoras negras. A obra 'Betina' foca nos cabelos de uma menina negra, que é a protagonista, permitindo um belo aprendizado sobre os costumes e a ancestralidade, além de fazer referências à África por meio de imagens apresentando uma vestimenta e penteados com miçangas no cabelo. O livro 'Omo-Oba' desconstrói a ideia de fragilidade feminina, de princesa que espera por um homem para defendê-la.

Apresenta orixás femininos representados em forma de princesas demonstrando sabedoria, empoderamento, beleza, determinação e capacidade. A obra 'Núbia rumo ao Egito' trata da questão do cabelo e corpo, mostra as belezas da África, desconstrói a imagem de negro cativo, motiva estudos e apresenta histórias do cotidiano próximas à realidade brasileira. O estudo conclui que esses livros apresentam representações positivas de meninas negras, que culminam em importante contribuição na formação das suas identidades.

A respeito da autoria dos livros, Santos (2016) também ressaltou que muitas histórias infantis com personagens negros acabam por contribuir para a proliferação do racismo e de estereótipos por serem escritas por brancos que não abandonam o ser branco ao escrever, portanto não alcançam a subjetividade negra. Diferente da escrita de autor negro, que escreve pensando no coletivo e com experiência de criança negra que já foi um dia.

Santos (2016) analisou dez obras da editora Mazza, todas escritas por mulheres negras e em histórias com personagens negras, com o intuito de observar se os estereótipos preconceituosos, racistas, sexistas e marginalizantes estariam sendo desconstruídos. Encontrou desconstruções nas narrativas e observou que elas promoviam a valorização da beleza negra e a exaltação e o empoderamento de personagens negros. A partir da análise dos discursos escritos nas narrativas de autoras negras, constatou uma efetiva contribuição dessas autoras e respectivas obras para o combate ao racismo e estereótipos. Ainda sobre esse estudo, ressaltou o porquê da escolha da editora Mazza dizendo que ela publica obras infantis produzidas por negros, sobre negros, narrativas com o intuito de libertar de estereótipos e empoderar crianças negras.

A Lei nº 10369/03 e os movimentos de apoio à cultura negra têm conquistado avanços no histórico cenário que silenciava e invisibilizava os negros nos enredos destinados ao público infantil. Hoje, há uma movimentação, ainda que lenta, no sentido de publicizar obras nas quais

heróis e mocinhas, voltadas para os leitores infantis, são negros satisfeitos com suas identidades africanas, reconhecem seus valores e heroísmos e também sua beleza. Com essa identificação, recém-descoberta, muitos jovens na nossa sociedade já estão assumindo sua identidade negra, na sua forma de vestir, de usar os cabelos com os chamados penteados afros. (ALVES *et. al.*, 2017, p.6)

Certamente, houve um avanço na produção literária e na publicação de obras com narrativas que abordam a beleza negra e a cultura e história africana e afro-brasileira. O estudo da arte revelou que muitos autores confirmaram as transformações que estão acontecendo nesse campo, especialmente após a Lei nº 10639/03. Alguns livros já permeiam o universo das bibliotecas, apresentando uma imagem positiva dos africanos e afro-brasileiros, muitas dessas obras são de autoria de escritores negros, que também atuam como ativistas no campo do combate ao racismo e na garantia dos direitos da população negra. É importante que eles, cada vez mais, sejam levados pelos professores para serem trabalhados no cotidiano da escolar, levantando questionamentos e ressignificando imagens e ideias.

4 LITERATURA INFANTIL E EMPODERAMENTO CRESPO

Atualmente, há diversos livros de literatura infantil que foram produzidos em direção ao movimento de valorização da beleza e corporeidade negra. Este capítulo analisa alguns livros produzidos para o público infantil, observando se eles se movimentavam no sentido do que está sendo chamado neste trabalho de ‘empoderamento crespo’.

Os livros analisados que abordam a questão do cabelo crespo e seus respectivos autores estão listados abaixo:

- As tranças de Bintou (Sylviane A. Diouf)
- Betina (Nilma Lino Gomes)
- Bia, Tatá e Ritinha (Neusa Baptista Pinto)
- Cabelo de Mola (Alexsander Rezende)
- Cada um com seu jeito, cada jeito é de um! (Lucimar Rosa Dias)
- Dandara, seus Cachos e Caracóis (Maíra Suertegaray)
- Mariana (Jaciana Melquíades e Leandro Melquíades)
- Menina bonita do laço de fita (Ana Maria Machado)
- Meninas negras (Madu Costa)
- Meu crespo é de rainha (bell hooks)
- O cabelo de Cora (Ana Zarco Câmara)
- O cabelo de Lelê (Valéria Belém)
- Chico Juba (Gustavo Gaivota)
- O mundo começa na cabeça (Prisca Agustoni)
- O mundo no Black Power de Tayó (Kiusam de Oliveira)
- Os cabelos de Sara (Gisele Gama Andrade)
- Os mil cabelos de Ritinha (Paloma Monteiro)

Esses livros e os parâmetros usados, conforme serão detalhados na próxima seção, foram observados nestas vertentes: (1) forma de abordagem da diferença racial; (2) relação entre a produção da obra e as demandas da escola; (3) prevalência da essência literária sobre os aspectos utilitários; (4) potencial para a afirmação da identidade negra e (5) abordagem afrocentrada da temática.

4.1 PARÂMETROS DE ANÁLISE

O primeiro parâmetro estabelecido para a análise foi a classificação das obras de acordo com os estudos de Kichorf, Bonin e Silveira (2015). Esses autores encontraram três tendências contemporâneas na forma como a diferença étnico-racial é tratada em livros brasileiros para crianças.

_ Primeira tendência: a afirmação identitária negra na literatura infantil. Nesse tipo de abordagem, a diferença étnica é tratada a partir de situações alusivas de racismo, que devem ser confrontadas, despertando no leitor a empatia pelo outro e provocando na criança negra a autoaceitação por sua imagem negra.

_ Segunda tendência: a presença negra na literatura infantil sem conflito. Nesse tipo de enredo, os personagens negros infantis aparecem nas tramas, mas os conflitos não têm relação direta com as questões étnico-raciais, por isso não há episódios ligados a situações de discriminação e preconceito racial. Com frequência, os personagens negros são caracterizados como tais apenas nas ilustrações, numa proposta que se poderia denominar de representação naturalizada da diversidade étnico-racial brasileira. A questão de discriminação racial não aparece nos contextos como algo a ser discutido e superado. Em contradição à tendência anterior, nessas obras literárias não é o aspecto racial que gera o desconforto nas narrativas a fim de desenvolver uma ação para um desfecho positivo ou negativo.

_ Terceira tendência: ‘somos todos iguais’. Na terceira tendência, agrupam-se títulos que, com o objetivo maior de ensinar sobre a diversidade, explanam sobre a mesma em um tom de exaltação tentam convencer usando as palavras. Em tal abordagem, que inclui várias diferenças, as obras também abordam a diferença étnico-racial (KICHORF, BONIN, SILVEIRA, 2015).

Outro elemento de análise baseou-se nos estudos de Rogério Bernardo da Silva (2014). Segundo esse autor, além das obras que apesar de não serem tematizadas apresentam questões afro-brasileiras que podem ser exploradas em sala de aula e que Magda Soares (2006) chama de ‘escolarização da literatura’, tem ocorrido uma produção literária para atender as demandas surgidas com a Lei nº 10639/03, o que ele denomina de ‘estetização das demandas escolares’.

Sobre a literatura que é escrita por causa das demandas escolares, Oberg (2007) diz que um dos atributos da literatura é o de não visar fins utilitários. No entanto, há

demandas contemporâneas que tem feito surgir uma literatura a serviço, que incorpora temas polêmicos da atualidade discutidos na educação formal.

Mesmo que seja aproveitada com objetivos didáticos, é importante que a literatura transcenda a sua instrumentalização (OBERG, 2007), tendo em vista a fruição literária, que é “um fenômeno que envolve, principalmente, a ordem do sensível, sem, contudo, negligenciar aspectos inteligíveis” (RANKE e MAGALHÃES, 2011, p.47).

Sobre a fruição literária, Cândido (1995) fez um estudo sobre o equilíbrio de três faces da literatura para possibilitar o prazer estético. A primeira face refere-se à construção de um objeto com significado e estrutura, ou seja, inteligível. A segunda face é o texto literário como forma de expressão, pois manifesta emoções e visões de mundo. A última face é a que produz conhecimentos. Essas faces balanceadas garantem a essência dos aspectos literários. Em contrapartida, o predomínio de uma face sobre as demais, pode descaracterizar a essência literária. Os estudos de Cândido (1995) serviram de referencial para mais um elemento de análise, a observação do equilíbrio das referidas faces da literatura nos livros infantis que tratam dos cabelos crespos de meninos e meninas negras.

Para a análise do conjunto da obra para a afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações, buscou-se graduar a abrangência da obra desde uma simples apresentação de imagens de personagens negros até o seu potencial para contribuir com iniciativas de combate ao racismo.

Com relação à afrocentricidade, buscou-se observar se a abordagem da obra era afrocentrada. É preciso ressaltar o esforço empregado devido à complexidade da perspectiva e da dificuldade de distingui-la de outros movimentos que atuam com a cultura e tradição africanas (SILVA, 2016). Considerou-se que o livro deveria reforçar a consciência revolucionária do pertencimento à cultura africana, nos moldes de Asante (2011, *apud* SILVA, 2016), o que é mais do que apenas vestir roupas africanas ou adotar nomes comuns aos povos africanos.

Esses parâmetros foram distribuídos nas seguintes tabelas criadas para as análises planejadas:

Tabela 1: Abordagem da diferença étnico-racial

Obra	Tendência 1 A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	Tendência 2 A presença negra na literatura infantil sem conflito	Tendência 3 A obra aponta que somos todos iguais

Tabela 2: Relação entre a produção da obra e as demandas da escola

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares

Tabela 3: Prevalência da essência literária sobre os aspectos utilitários

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo

Tabela 4: Rubrica do potencial para a afirmação da identidade negra

Obra	Nome:	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	
Pontos		
Características Mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	3
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	4
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	5
Total para cada um	pts.	15

Baixa: 1 – 4 pontos
Moderada: 5 - 9 pontos
Alta: 10 - 15 pontos

Tabela 5: Abordagem afrocentrada da temática.

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não

4.2 LIVROS ANALISADOS

4.2.1 Livro I: As tranças de Bintou, de Sylviane A. Diouf (Figura 1)

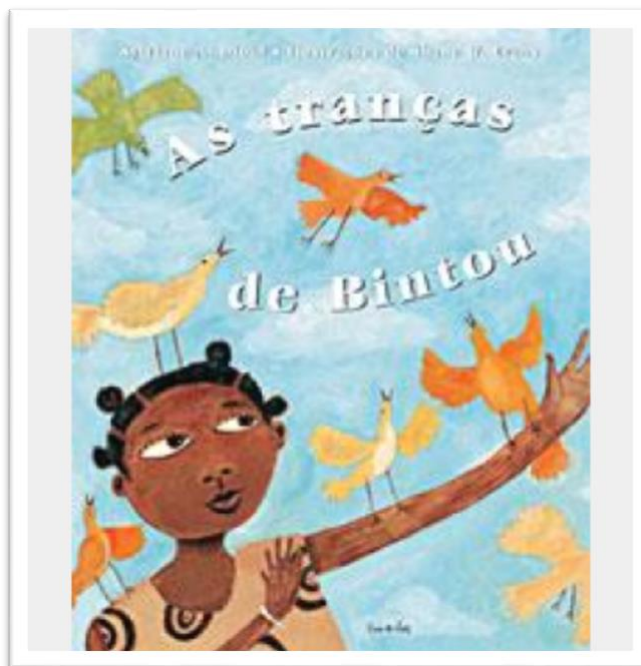


Figura 1: Capa do livro *As tranças de Bintou*

Fonte: <http://images1.folha.com.br/livraria/images/1/f/1020322-350x360.png>

Sinopse da obra:

Bintou é uma menina africana que sonha em ter tranças como todas as mulheres mais velhas de sua aldeia. Mas, como ainda é criança, tem de se contentar com os biotes. Culturalmente, ela precisaria ter 16 anos para consegui-las.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
As tranças de Bintou (Sylviane A. Diouf)		X	

O livro *As tranças de Bintou* não é uma obra de autoria brasileira, foi escrito por uma historiadora senegalesa. Ele explora elementos da cultura africana,

demasiadamente importantes para a afirmação da identidade negra, de forma natural, sem questões relacionadas ao preconceito e à discriminação.

A beleza negra, historicamente preterida em grande parte da literatura brasileira, é o foco do livro. A *“noção de belo na obra transcende as fronteiras do continente africano e dialoga com diversas crianças situadas na diáspora, com suas tranças, miçangas, desejos e dilemas”* (OLIVEIRA, 2013, p.244).

Aproxima-se mais da segunda tendência contemporânea das obras da literatura do Brasil citada por Kichorf, Bonin e Silveira (2015), especialmente porque, no enredo, o conflito não revela o racismo, que é uma característica da primeira tendência.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
As tranças de Bintou (Sylviane A. Diouf)	X	

As tranças de Bintou é uma obra da Literatura infantil que foi lançada em 2001 nos Estados Unidos da América e, após ser traduzida para o português, foi publicada no Brasil em 2004 (SANTOS, 2015).

Pode ser classificada conforme Soares (2006), uma vez que houve a ‘escolarização da literatura’, pois a obra veio de encontro às demandas da Lei nº 10639/03 e passou a ser usada em escolas do Brasil possivelmente por conta da obrigatoriedade da inclusão nas escolas do estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana, uma vez que o enredo possibilita o conhecimento sobre os costumes das mulheres de aldeias africanas, suas vestimentas e adornos.

A obra também mostra aspectos relacionados à valorização da família e do trabalho (SANTOS, 2015). Narra brevemente, em meio à ilustração de um cenário colorido, um ritual conduzido pelo aldeão mais velho que faz a apresentação aos membros da aldeia de um bebê recém-nascido. Na cerimônia, a criança tem a cabeça raspada, seu nome é anunciado e rezas são proferidas no seu ouvido.

Na obra, além da condução dos rituais, os idosos são apresentados como os guardiões da cultura e narram as histórias relacionadas com a tradição. Em meio à narrativa, são revelados o vocabulário, o papel da mulher, as indumentárias coloridas e as comidas típicas oferecidas em comemoração (peixe, molho apimentado, arroz, carneiro, papaias, bolinhos fritos e açucarados). Quanto à imagem dos cabelos, mostra

os turbantes, os penteados, as tranças compridas enfeitadas com miçangas e conchas, os cabelos perfumados com óleos e ostentando franjas com moedas de ouro.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
As tranças de Bintou (Sylviane A. Diouf)	X	

A fruição literária está presente na obra ‘As tranças de Bintou’, pois possui os três elementos destacados por Cândido (1995): estrutura/ significado; expressão artística; produção de conhecimento. Por meio do olhar vívido de Bintou, seu mundo, seus dilemas e a forma de encará-los são apresentados em uma narrativa estruturada e de forma poética.

Mesmo sem apontar a localização da aldeia a qual pertence Bintou, mostra a ânsia de uma menina africana que deseja transcender na próxima fase da vida, chegando a idade adulta. Um dilema enfrentado por adolescentes não só da África, embora apresente elementos específicos de costumes que podem ser relacionados a alguns povos africanos. O conteúdo não é o que mais importa, mas a forma expressiva de narrá-lo.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: As tranças de Bintou (Sylviane A. Diouf)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	0
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	4
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	5
Total para cada um	Alta: pts.	12

O livro contribui de forma relevante para a afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações, embora não apresente questões alusivas ao racismo. A demonstração da beleza dos cabelos crespos, a representação do seu brilho e cheiro perfumado e a possibilidade de trançá-los de diferentes formas contribui para a afirmação positiva da beleza negra. Ao mesmo tempo, com sensibilidade, o destaque à cultura e aos elementos da história e da tradição valoriza os povos africanos.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
As tranças de Bintou (Sylviane A. Diouf)	X	

O modo como o enredo é conduzido não é dissonante da perspectiva voltada à afrocentricidade, pois dá ênfase e valoriza a história dos povos africanos, a cultura e a acentralidade. O modo de vida dos africanos é contado de dentro e não definido por fora; o africano é sujeito, não objeto. A autodefinição dos africanos é positiva, assertiva e extraída da sua cultura, da sua história e da ancestralidade (MAZAMA, 2009). É possível afirmar, então, que sua orientação é voltada à agência africana (ASANTE, 2009).

Por fim, a obra afirma e realça um padrão estético não baseado no eurocentrismo. Evidencia um processo de autoaceitação, de autoidentificação e admiração pela beleza negra.

4.2.2 Livro II: Betina, de Nilma Lino Gomes (Figura 2)

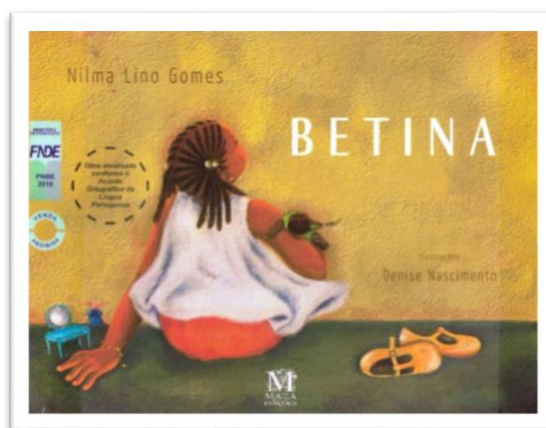


Figura 2: Capa do livro Betina

Fonte: <http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/05/betina.jpg>

Sinopse da obra:

A avó de Betina trança os cabelos da neta e aproveita para contar um pouco da história dos seus ancestrais e explicar que na África as tranças possuem diferentes significados e para a mulher os cabelos são muito importantes. Ao ficar mais velha, Betina se torna uma cabeleireira e faz lindas tranças em suas clientes.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
Betina (Nilma Lino Gomes)	X		

O enredo inicia a partir do cotidiano vivido pela menina negra na infância. A convivência na família é a marca do enredo. Porém, a escola também aparece e, com ela, as manifestações de preconceito. Entretanto, a sua forma de lidar com o problema do racismo não é passiva. Betina reage e se impõe (ALMEIDA, 2019). Esses pontos fazem com que esse livro de literatura infantil possa ser classificado na 1ª tendência, pois é marcante a sua contribuição para a afirmação positiva da identidade negra.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
Betina (Nilma Lino Gomes)		X

Dois fatos levam à indicação da obra *Betina* como uma literatura que surge para a escola: a data da sua publicação, 2009, após o surgimento da Lei nº 10.639/03, e o engajamento político da autora, que também tem se dedicado a estudos científicos e palestras sobre a identidade negra, sobre a cultura afro-brasileira e sobre a necessidade de um ativismo direcionado à desconstrução do racismo.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
Betina (Nilma Lino Gomes)	X	

Da mesma forma como as mãos habilidosas entrelaçavam os cabelos das mulheres africanas, o enredo também foi entrelaçado, conduzindo a narrativa de forma a causar emoção no leitor. São as memórias do passado, as emoções, a convivência amorosa com a avó, a condução harmoniosa do enredo que garantem a fruição literária da obra.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: <i>Betina</i> (Nilma Lino Gomes)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características Mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	3
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	4
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	5
Total para cada um	Alta: pts.	15

A protagonista é uma criança negra que traz para a criança negra leitora uma representação positiva e uma projeção de sucessos no futuro, pois a personagem se torna uma adulta empreendedora, dona do próprio negócio e que, devido à notoriedade do seu trabalho de cabeleireira, passou a ser uma consultora, dando palestras, ensinando outras pessoas e ajudando a afirmar a imagem positiva dos negros.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
Betina (Nilma Lino Gomes)	X	

A avó de Betina aprendeu a fazer os penteados com a mãe, que aprendeu com a tataravó da criança, que aprendeu com uma tia. Observa-se a importância da mulher, da mãe, dos sentimentos maternos, do cuidar do outro.

A África, berço da civilização humana, produziu sociedades matriarcais. Nelas, a mulher assume o papel de ser portadora da vida, transmissora da cultura e “*a condutora para a regeneração espiritual dos antepassados*” (DOVE, 1998, p.8). Os valores matriarcais dessas sociedades são essenciais hoje para a unidade cultural da África (DIOP, 2014), por isso o livro *Betina* caminha ao lado da perspectiva afrocentrada.

Outro elemento coerente com a abordagem afrocentrada é a ideia de que a memória cultural africana precisa ser resgatada. Como as histórias orais foram as principais formas de passar os conhecimentos dos povos africanos, elas precisam ser recuperadas e registradas. A oralidade está presente na obra *Betina*. Percebendo que já está muito idosa, a avó da menina sente a necessidade de repassar os ensinamentos que recebeu dos antepassados e não podem se perder, sendo uma responsabilidade repassá-los de geração a geração (PEREIRA, 2019).

4.2.3 Livro III: Bia Tatá Ritinha, de Neusa Baptista Pinto (Figura 3)

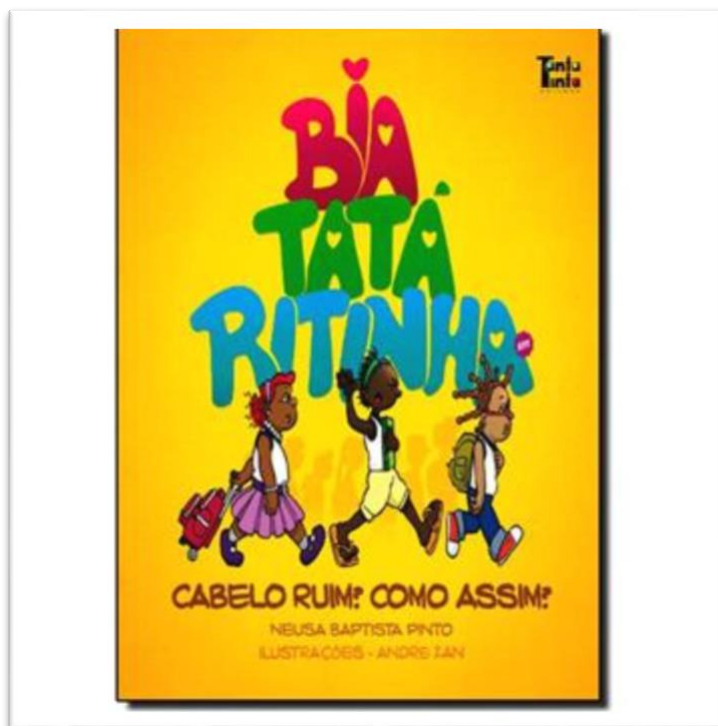


Figura 3: Capa do livro Bia Tatá Ritinha.

https://d3vds0eghm4gc3.cloudfront.net/Custom/Content/Products/54/27/542706_bia-tata-ritinha-cabelo-ruim-como-assim-701835_M1.jpg

Sinopse da obra:

Bia, Tatá e Ritinha são três meninas negras, colegas de escola e que sofrem juntas o preconceito por terem o cabelo crespo. Aos poucos, as três amigas vão aprendendo a brincar, amar e aceitar o próprio cabelo. Através da descoberta de novos penteados, as meninas mudam a forma de se enxergarem.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
Bia, Tatá e Ritinha (Neusa Baptista Pinto)	X		

Essa obra se enquadra na 1ª tendência. A mensagem do livro é o combate ao preconceito sofrido pelas crianças negras, expressos por meio de ofensas que acontecem no dia a dia da escola; a autoaceitação e a valorização dos cabelos crespos.

A narrativa mostra crianças brancas implicando com a personagem Tatá, a aluna nova, acusando-a de ter o cabelo ruim. Ao observarem o que está acontecendo, outras duas meninas negras, Bia e Ritinha, aproximam-se da garota e dizem que as pessoas também falam que o cabelo delas é feio, esquisito, ruim. No fundo, elas também concordam com isso, e acham que não tem nada de mais querer melhorar o cabelo, pois alisado é mais fácil de cuidar e, se não o prender vira uma ‘arapuça’.

A reviravolta acontece quando passam a refletir e pesquisar sobre o assunto. Chegam à conclusão de que não é normal ter vergonha do cabelo. Percebem que isso ocorre principalmente porque não têm referências positivas, não possuem bonecas negras e não encontram nas novelas, propagandas e revistas crianças pretinhas como elas.

Ao questionarem os padrões de beleza impostos na sociedade, resolvem enfrentar o preconceito, não aceitam mais que chamem seus cabelos crespos de ruim. Se enfeitam e soltam seus cabelos e cachos e passam a ser admiradas na escola, assumindo e realçando as diferenças que as destacam da turma composta de crianças brancas.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
Bia, Tatá e Ritinha (Neusa Baptista Pinto)		X

A obra analisada foi lançada em 2016 na versão em quadrinhos, a versão anterior foi lançada em 2007. Também é uma obra certamente produzida pelo nicho aberto com a legislação e obrigatoriedade de inserir na escola questões relacionadas aos negros.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
Bia, Tatá e Ritinha (Neusa Baptista Pinto)	X	

A linguagem dos quadrinhos, com sua agilidade e comicidade, permite aliar o texto às imagens. O conteúdo não predomina, pois não é objetivo da obra passar informações, mas sim sensibilizar as crianças leitoras para a problemática do *bullying* com os alunos negros, que são agredidos verbalmente de forma contínua por alguns alunos e sem a devida intervenção do professor.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: Bia, Tatá e Ritinha (Neusa Baptista Pinto)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	1
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	3
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	0
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	2
Total para cada um	Moderada : pts.	7

A obra revela que a ideia de que o cabelo liso do branco é mais bonito pode ser interiorizada pelas crianças negras (HOOKS, 2005), que podem desejar se aproximar desse ideal de beleza e levá-las à negação da própria identidade. O livro trabalha no sentido de levar a criança a contestar essa ideia. Porém, mesmo usando a linguagem dos quadrinhos, há palavras duras, como *pixaim* e *cabelo ruim*, que machucam.

Além do *bullying* na escola, a narrativa aponta para as possibilidades de mudar a forma de lidar com o cabelo crespo, pois as crianças passam a rejeitar a ideia de que precisam alisar, esticar e prender os cabelos para serem aceitas pelos demais alunos da escola. Aliás, mesmo quando tomam uma atitude e passam a usar os cabelos soltos ou com penteados e enfeites que realçam os cabelos crespos, ainda há deboches. No entanto, as agressões sofridas são encaradas de outra forma, pois elas não mais se inibem, passam a exigir respeito.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
Bia, Tatá e Ritinha (Neusa Baptista Pinto)		X

Dois elementos se destacam na obra: a importância da coletividade na luta contra o racismo e da informação. As meninas se unem para enfrentar o problema e buscam sanar suas dúvidas sobre o tipo de cabelo e o significado de alguns termos nos livros (CARBONIERI e LAVERDE, 2018, p.69).

O livro é voltado à aceitação das diferenças. Não foi classificado como afrocêntrico porque não defende os valores e elementos culturais africanos, ideia fundamental que precisa integrar o projeto humano afrocentrista (ASANTE, 2009).

A escola retratada também não é afrocêntrica, conforme a ideia do professor e pesquisador Mwalimu J. Shujaa (1994). Na escola das personagens as relações desiguais são mantidas, por isso os meios para a compreensão delas mesmas, dos mecanismos de opressão e de como destruí-los (MAZAMA, 2009) foram buscados pelas crianças fora da escola.

4.2.4 Livro IV: Cabelo de Mola, de Alexander Rezende (Figura 4)

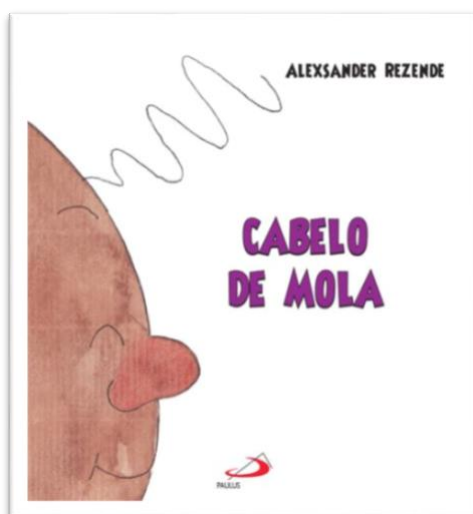


Figura 4: Capa do livro Cabelo de mola
 Fonte: http://www.paulus.com.br/loja/cabelo-de-mola_p_3054.html

Sinopse da obra:

Eduardo é um menino negro que se mudou recentemente para um bairro em que as crianças da vizinhança resistem em brincar com ele. O menino fica muito triste com as provocações e preconceitos contra a sua cor. Quando falta um jogador no time de futebol, as crianças decidem chamar Eduardo e ele aceita o convite e faz o gol mais bonito do jogo.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
Cabelo de Mola (Alexander Rezende)	X		

O livro narra que quando Eduardo corre para a rua para conhecer as crianças do bairro, eles ‘olham feio’ e desprezam o menino por ser negro, e essa atitude acontece em outras iniciativas de aproximação de Eduardo. Fica evidente a situação de racismo, por isso a obra se aproxima mais da 1ª tendência. Entretanto, há um reforço nos estereótipos, visto que o menino negro é apresentado como o ‘bom de bola’ e a sua habilidade no futebol foi o que levou a sua aceitação no grupo das crianças brancas.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
Cabelo de Mola (Alexsander Rezende)		X

Alexsander Rezende é um autor branco que se define como um escritor, ilustrador e arte-educador. Além de ‘Cabelo de Mola’, editado em 2012, ele produziu outros livros paradidáticos tratando do preconceito contra as crianças obesas e de questões ligadas à harmonia familiar, à cidadania e ao meio ambiente.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
Cabelo de Mola (Alexsander Rezende)	X	

Não é objetivo da obra informar ao leitor sobre um assunto. É uma obra literária que explora a ilustração como recurso narrativo, articulando a linguagem verbal com a visual, ampliando as possibilidades de compreensão da história.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: Cabelo de Mola (Alexsander Rezende)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	0
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	3
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	0
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	0
Total para cada um	Baixa: pts.	4

O título do livro ‘Cabelo de Mola’ é o único elemento, além da ilustração, que aponta para o cabelo crespo do menino. Esse assunto não é abordado na obra. A narrativa apenas relata que as crianças brancas não queriam brincar com ele por ser negro. O Futebol foi a única saída para a aproximação do menino, não houve apresentação de elementos que provocassem a valorização da beleza do negro e da história e cultura dos povos africanos e afrodescendentes.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
Cabelo de Mola (Alexsander Rezende)		X

Cabelo de Mola não é uma obra que segue a perspectiva afrocentrada. Além da África não ter sido citada, a postura do personagem não foi de enfrentamento, foi de resignação após algumas tentativas delicadas de aproximação. Apenas quando o menino se enquadrou nas necessidades dos outros é que foi aceito.

4.2.5 Livro V: Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!, de Lucimar Rosa Dias (Figura 5)



Figura 5: Capa do livro Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!
 Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/55/06/00/55060012b1706b8c5b058955299b73de.jpg>

Sinopse da obra:

O livro conta a história de Luanda, uma menina negra super inteligente, brincalhona, muito vaidosa e que adora inventar penteados.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
Cada um com seu jeito, cada jeito é de um! (Lucimar Rosa Dias)		X	

Não existe na obra nenhum tipo de conflito étnico-racial ocorrido na narrativa. A mensagem é que existem diferenças físicas e que cada pessoa tem características que as diferenciam dos demais e que essas individualidades precisam ser respeitadas para uma boa convivência.

Mostra uma menina muito alegre, dinâmica e criativa e que se dá bem com os colegas na escola e com os membros da família. O modelo de família também difere de outras representações das famílias negras que têm sido historicamente apresentadas na

literatura brasileira (OLIVEIRA e ARAUJO, 2018). O modelo é o composto por pais, filhos e avós. Todos se amam e vivem em harmonia. Eles gostam de fazer muitas coisas juntos. Mas também cada um da família tem um jeito de ser e de gostar de coisas diferentes. A avó gosta de rock, o pai de cozinhar, a mãe de ler jornais e as crianças de jogos, brincadeiras e leituras.

Os atributos físicos da família negra são destacados em cada folha do livro: a mãe é baixa e magra; o pai é alto e um pouco gordo; o irmão mais velho é forte, o mais novo é fraquinho.

E a menina tem uma autoestima elevada, gosta de tudo nela mesma: da cor da pele, do sorriso, da altura. Gosta mais ainda dos cabelos crespos cheios de rolinhos! Sempre desfila pela escola um penteado novo. O nome da menina é em homenagem à cidade que o pai conheceu quando mais jovem, Luanda, a capital de Angola, no Continente Africano.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
Cada um com seu jeito, cada jeito é de um! (Lucimar Rosa Dias)		X

Produzida em 2012, a obra se enquadra mais na ‘estetização das demandas escolares’ surgidas com a Lei nº 10639/03.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
Cada um com seu jeito, cada jeito é de um! (Lucimar Rosa Dias)	X	

A forma de narrar a história e de construir a personagem é linda, e as ilustrações ressaltam essa beleza. A leveza do fluxo do texto “*não é perdida nem mesmo diante de um tema tão complexo quanto a construção da identidade feminina por meio do cabelo, sobretudo referente à menina negra*” (OLIVEIRA e ARAUJO, 2018, p.1).

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: Cada um com seu jeito, cada jeito é de um! (Lucimar Rosa Dias)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	0
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	1
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	3
Total para cada um	Moderada : pts.	7

A construção identitária da menina negra e dos familiares é positiva. A família é linda e há um clima de muito amor e sucesso. Porém, a obra não explora a cultura e história dos povos africanos, apresenta apenas uma imagem com vestimentas típicas e aponta no mapa a capital de Angola. Também, nesse mundo idealizado, não há referências ao racismo, discriminação e preconceito racial.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
Cada um com seu jeito, cada jeito é de um! (Lucimar Rosa Dias)		

Não houve uma preocupação em valorizar as criações africanas, na música, arte ou nas ciências (ASANTE, 2009). A obra não deu destaque ao Continente Africano, houve apenas uma referência que ligou o nome da menina à cidade de Luanda, sua perspectiva não é afrocentrada.

4.2.6 Livro VI: Dandara, seus Cachos e Caracóis, de Maíra Suertegaray (Figura 6)

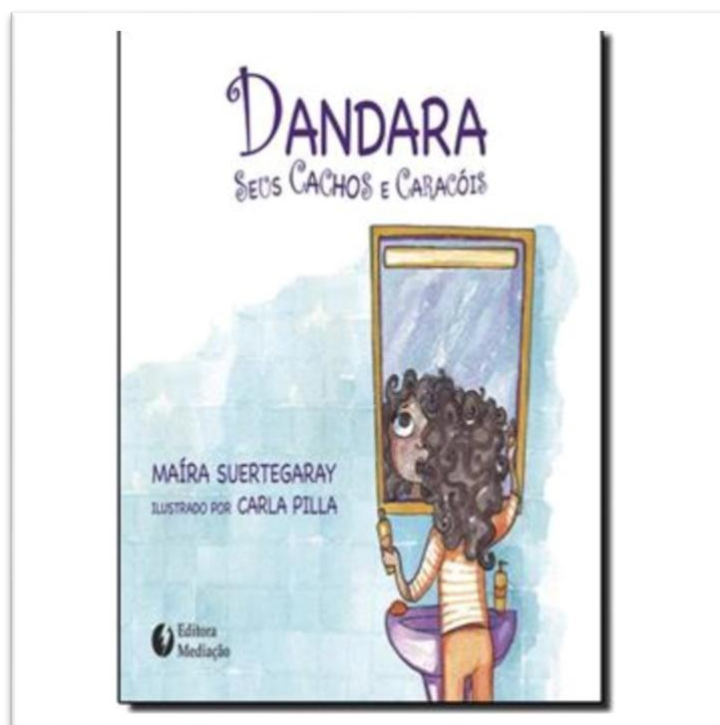


Figura 6: Capa do livro Dandara

Fonte: https://d3vds0eghm4gc3.cloudfront.net/Custom/Content/Products/52/12/521259_dandara-seus-cachos-e-caracois-691964_M1.jpg

Sinopse da obra:

O pai de Dandara é negro e a mãe é loira. Dandara puxou a família do pai e seus cabelos têm lindos cachos, ondas e caracóis. A menina fica chateada pois acha que é muito alto e não gosta do topete. Ela queria que fossem lisos, como os das princesas dos contos de fada. Depois descobre que seus cabelos retratam a história de sua família e de seus antepassados.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
Dandara, seus Cachos e Caracóis (Maíra Suertegaray)	X		

Não há na obra episódios nos quais Dandara sofre pessoalmente preconceito por ser negra. Mas a história aponta para a ausência da representatividade dos negros nos brinquedos, na TV, e livros de contos de fadas. Isso faz com a menina não goste do próprio cabelo e prefira os lisos. Ela diz: “*Aquela moça da novela, o cabelo dela é bem lisinho. Todo mundo acha ela linda! As bonecas, quase todas, têm cabelos lisos! As princesas dos livros e dos filmes também!*”.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
Dandara, seus Cachos e Caracóis (Maíra Suertegaray)		X

O livro, publicado pela primeira vez em 2015, além de mostrar o cotidiano da menina e seus dilemas, apresenta um pouco da história e da cultura dos africanos quando busca a origem dos cabelos de Dandara. A sua temática torna o livro adequado ao trabalho em sala de aula com alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
Dandara, seus Cachos e Caracóis (Maíra Suertegaray)	X	

Os assuntos abordados no livro, apesar de estarem em conformidade com os conteúdos exigidos pela Lei nº 10639/03, não foram apresentados de forma utilitária. Enriquecido pelas ilustrações, o texto explora o lúdico e provoca emoções.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: Dandara, seus Cachos e Caracóis (Maíra Suertegaray)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	2
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	4
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	5
Total para cada um	Alta: pts.	14

O livro fala que todos os cabelos, com cores, texturas e comprimentos diversos, são bonitos e podem ser penteados de diversas maneiras. E que até as pessoas sem cabelos também têm seus charmes. Mas o mais importante é que os cabelos e os penteados contam histórias que falam das origens.

Ao falar dos antepassados de Dandara, o livro mostra a beleza e a riqueza da cultura dos povos africanos. Primeiro, mostra como vivia Rafiki, um menino que viveu na pré-história na região que conhecemos hoje como Tanzânia. A segunda história apresenta a menina Bejide, que morava em uma aldeia do Reino de Oyó, na África, e que após ajudar a família na confecção de tecidos coloridos gostava de jogar Mancala, um jogo de tabuleiro africano. Por último, conta a história de Luzia e Francisco, que gostavam de brincar de pião, de Cinco Marias e com a boneca Abayomi. Os dois nasceram em um Quilombo, em meio à luta pelo fim da escravidão.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
Dandara, seus Cachos e Caracóis (Maíra Suertegaray)	X	

A obra segue a perspectiva afrocentrada, a própria ideia da África como berço da humanidade aparece através da história de Rafiki, o menino negro da era pré-histórica. As ilustrações mostram as pinturas rupestres, as atividades de caça e o uso do fogo e de ferramentas feitas pelos homens da era primitiva.

A narrativa também fala dos reinos africanos, das princesas e dos cavaleiros destemidos. Demonstra a importância dos idosos que mantêm a tradição por meio da história oral.

Cita, ainda, o jogo mais antigo do mundo, a Mancala, que é um jogo africano de estratégia relacionado com a semeadura e a colheita, na qual os jogadores precisam ter agilidade de pensamento para obter o maior número de grãos.

A boneca Abayomi também é um elemento importante da tradição africana. Feita sem costuras e a partir de nós e tranças feitas em retalhos retirados das saias das mulheres, essas bonecas negras acalentavam as crianças durante as viagens nos navios tumbeiros da África para o Brasil.

4.2.7 Livro VII: Mariana, de Jaciana e Leandro Melquíades (Figura 7)



Figura 7: Capa do livro Mariana

Fonte: <http://100meninasnegras.com/post/140074701207/026100-mariana-autores-jaciana-melqu%C3%ADades-e>

Sinopse da obra:

Mariana é uma menina negra que ama sua ancestralidade e seus turbantes. Em meio a brincadeiras, a linda menina ensina um pouco dos costumes e belezas do seu mundo.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
Mariana (Jaciana Melquíades e Leandro Melquíades)		X	

A obra Mariana é um ‘livro-brinquedo’, um livro de pano por meio do qual as crianças podem participar da história, criando amarrações de turbantes na boneca de pano, enquanto aprendem sobre a ancestralidade e seus costumes e passam a reconhecer as suas belezas.

Os autores são ativistas sociais que, por considerarem a falta da representatividade, passaram a produzir livros de pano e bonecas negras semiartesanaís, para que as crianças negras também possam se ver enquanto brincam (CRUZ, 2019).

Os livros e bonecas de pano desses autores são importantes em um contexto de combate ao racismo, pois são instrumentos importantes para a afirmação positiva da identidade das crianças negras. No entanto, a ausência de conflito requer a sua classificação na segunda tendência.

A respeito das bonecas negras é importante que as mesmas sejam inseridas no universo de brincadeiras das crianças, em mesma quantidade das bonecas brancas. Isso não ocorre e há reflexos decorrentes dessa ausência. Pinho e Santos (2014), por exemplo, realizaram uma pesquisa com crianças de 5 anos oferecendo-lhes bonecas pretas para observar como lidavam com o brinquedo. Perceberam um espanto e uma rejeição das crianças a elas e que esse fato é decorrente do imaginário social de que o negro é sujo, feio, violento. A preferência por bonecas brancas é reflexo de uma omissão do mundo real desses alunos, da falta de discussão e representação sobre as diferenças. Amaral (2015) também realizou um estudo similar e ao apresentar bonecas pretas e brancas para as crianças, tanto os alunos brancos quanto os alunos negros classificavam as bonecas pretas como “feias”. Nesse mesmo estudo, Amaral (2015) propôs brincadeira de salão de beleza e constatou o quanto aquelas crianças já tinham sido manipuladas pelas mídias, uma vez que atribuíam a beleza apenas aos cabelos lisos. Os professores, da mesma forma, diziam que o liso era melhor e mais bonito, e as crianças de cabelo crespo precisavam prender os cabelos para não pegarem piolhos com a ‘cabeleira solta’.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
Mariana (Jaciana Melquíades e Leandro Melquíades)		X

O livro ‘Mariana’ foi produzido a partir da constatação de que havia uma ausência de personagens infantis negros tanto na literatura destinada às crianças quanto nas bonecas. Houve um propósito para a produção dos mesmos, um propósito correspondente aos das escolas tendo em vista a Lei nº 10639/03.

Por ser feito de pano, o livro pode ser usado até mesmo nas creches e pré-escolas, compondo um cantinho de brincadeiras, a exemplo do que fez Algarve (2004), criando em sua pesquisa um ‘Cantinho da Africanidade’ na sala de aula, observando

como as crianças interagem com os objetos relacionados à África e aos povos africanos e em diáspora. Ao final da experiência, verificou uma significativa melhora no tratamento das crianças umas com as outras e na autoestima das crianças negras.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
Mariana (Jaciana Melquíades e Leandro Melquíades)	X	

O lúdico e enredo do livro de pano ‘Mariana’ são adequados ao público infantil, permitindo ainda a participação dos leitores e a interação com a personagem. A imaginação, a criatividade e a expressividade dão o tom ao livro, estando as faces da literatura em equilíbrio.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: Mariana (Jaciana Melquíades e Leandro Melquíades)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características Mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	0
Características acima da média(4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	2
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	2
Total para cada um	Moderado: pts.	7

O racismo não é abordado no livro de pano ‘Mariana’, mas favorece a autoestima das crianças negras ao brincar de enfeitar os cabelos com o turbante.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
Mariana (Jaciana Melquíades e Leandro Melquíades)	X	

Talvez por ser produzida para crianças bem novinhas, a obra não desenvolveu elementos importantes da história e cultura africana. Entretanto, como segue a perspectiva da importância da representatividade e o enredo tem como destaque a personagem negra e os turbantes, os próprios autores caracterizam a obra como afrocentrada (CRUZ, 2019).

Sabe-se que apenas o uso de penteados e vestimentas próprios da cultura africana não é garantia de uma consciência direcionada à afrocentricidade. Porém, como o livro se propõe a desenvolver atitudes favoráveis à agência dos africanos desde a idade mais nova, ele pode ser caracterizado como afrocentrado.

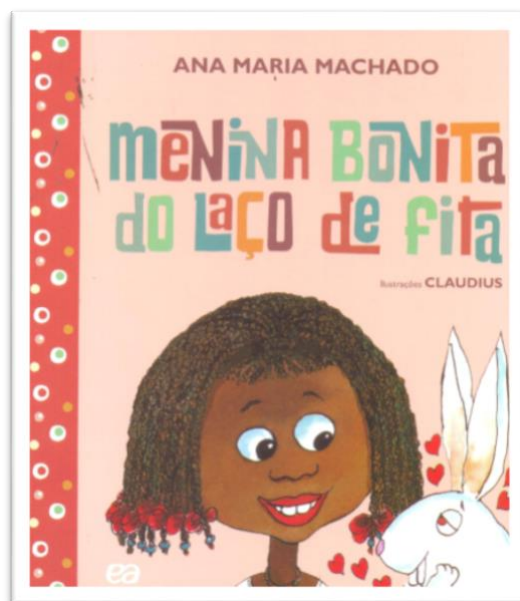
4.2.8 Livro VIII: Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado (Figura 8)

Figura 8: Capa do livro Menina bonita do laço de fita

Fonte: https://images.livrariasaraiva.com.br/imagemnet/imagem.aspx/?pro_id=3663978&qld=90&l=430&a=-1

Sinopse da obra:

Conta a história de um coelho que, apaixonado pela cor negra de uma menina que é sua vizinha, faz tudo para ficar igual ela. Depois de várias tentativas frustradas, acaba encontrando a felicidade ao se casar com uma coelha preta e ao ter filhos brancos, pretos e malhados.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
Menina bonita do laço de fita (Ana Maria Machado)		X	

Não há episódios de racismo, preconceito e discriminação racial narrados na obra. Pelo contrário, o coelho elogia o tempo todo as características da menina negra (a beleza, os olhos pretos e brilhantes, os cabelos enroladinhos, a pele escura e lustrosa e a semelhança com princesas e fadas). Dessa forma, essa obra se enquadra na 2ª tendência.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
Menina bonita do laço de fita (Ana Maria Machado)	X	

A autora Ana Maria Machado já era reconhecida pelo valor literário de suas obras e escreveu ‘Menina bonita do laço de fita 1941, bem antes da obrigatoriedade do ensino da cultura e da história da África. Com a introdução do seu livro nas escolas houve o que é chamado de escolarização da literatura. Com o advento da Lei nº 10639/03 e a carência de materiais, reinando praticamente sozinha no acervo de livros com personagens negros das bibliotecas escolares, esta obra passou a ser referência nos trabalhos desenvolvidos nas escolas, especialmente na comemoração do Dia da Consciência Negra.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
Menina bonita do laço de fita (Ana Maria Machado)	X	

Azeitonas pretas, fiapos da noite, pantera negra, são várias metáforas e outras figuras de linguagem usadas como recursos expressivos do texto. A linguagem é familiar e afetuosa e a narrativa é envolvente sem perder a suavidade, garantindo a fruição literária.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: Menina bonita do laço de fita (Ana Maria Machado)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características Mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	0
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	0
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	1
Total para cada um	Baixo: pts.	4

A obra apresenta uma menina graciosa e cheia de qualidades que são destacadas no enredo pelo coelhinho e confirmadas pela ilustração. Essa imagem é importante para reforçar a autoestima das crianças negras. Personagens negros com imagens positivas também são essenciais para garantir a representatividade.

A pontuação atribuída ao livro decorre, no entanto, do fato de não apresentar muitas referências à África ou questões que exemplifiquem o combate ao racismo e o empoderamento dos negros a partir do seu ativismo.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
Menina bonita do laço de fita (Ana Maria Machado)		X

A obra não tem uma abordagem correspondente à afrocentricidade. A história retrata apenas uma menina negra com hábitos modernos e urbanos, que usa tênis, calça jeans, dança balé, tem acesso a livros. Não fala da história e cultura da África. A mãe é caracterizada como “uma mulata linda e risonha”. Quando a menina questionou o

porquê de ser tão pretinha, a mãe lhe respondeu: “_ Artes de uma avó preta que ela tinha...”.

A África também parece estar no nível da imaginação, pois quando a menina se enfeitava com laço de fita nas trancinhas, o narrador diz que “*ficava parecendo uma princesa das Terras da África*” (terras escritas assim mesmo com inicial maiúscula) ou “uma fada do Reino do Luar”.

A miscigenação está presente ainda na ninhada do coelho branco, que se casou com uma coelha pretinha e teve filhotes de todas as cores. Por todos esses elementos, constata-se que a obra não é afrocentrada.

4.2.9 Livro IX: Meninas negras, de Madu Costa (Figura 9)

Figura 9: Capa do livro Meninas negras

Fonte: https://statics.livrariacultura.net.br/products/capas_lg/630/5130630.jpg

Sinopse da obra:

Mariana, Dandara e Luanda são meninas negras que escutam em suas escolas os professores falarem sobre o povo e a cultura dos povos que vieram da África e, por isso, sonham em conhecer os países do Continente Africano.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra na literatura infantil	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
Meninas negras (Madu Costa)		X	

A professora de Artes e escritora Madu Costa (Maria do Carmo Ferreira da Costa) é uma representante negra que promove a ‘afro-brasilidade’ em suas obras e busca a afirmação identitária do feminino negro (LITERAFRO, 2018). Ainda que a autora também esteja empenhada na causa do combate ao racismo, nesta obra específica a escrita não explicitou o racismo que se abate sobre a infância negra, pois ele não foi desenvolvido no decorrer da narrativa. O livro apenas descreve três meninas lindas, alegres e com cores de pele que a autora caracteriza como marrons ou negros e cujas ilustrações das personagens retratam variações de tons do mais escuro ao mais claro e diferentes tipos de cabelos afros.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
Meninas negras (Madu Costa)		X

Para a autora, o campo da ‘afro-brasilidade’ precisa ser mais explorado pela literatura para que haja referências positivas para os negros e esse empenho também deve estar presente na literatura-infantil. Isso porque considera que a afirmação racial inicia na infância e que ela atua tanto no campo da individualidade como também passa pelo coletivo, possibilitando as transformações societárias necessárias (LITERAFRO, 2018).

A demanda por referências positivas para a identificação racial das meninas negras provavelmente foi o propulsor da obra escrita em 2006 e sua indicação para o trabalho didático nas escolas.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
Meninas negras (Madu Costa)	X	

A expressividade está presente na obra, recheada de metáforas. ‘Meninas Negras’ inicia brincando com o nome da menina Mariana, fragmentando-o e descobrindo novas palavras, como mar, rio, ar. É por meio da imaginação que Mariana e as outras meninas conhecem a mãe África. Há um equilíbrio entre as três faces literárias que garante a fruição.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: Meninas negras (Madu Costa)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características Mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	0
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	2
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	3
Total para cada um	Moderado: pts.	8

A afirmação positiva da imagem das mulheres negras está presente na obra. Há uma preocupação em valorizar a *“herança cultural presente na diáspora africana nas Américas”* (LITERAFRO, 2018), porém, talvez por considerar os interesses infantis, a maior ênfase dada é aos animais, como zebra, girafa, tigre e elefante.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
Meninas negras (Madu Costa)		X

Em meio à linguagem poética, surgem palavras e expressões positivas como: *“povo resistente”*, *“balança seu corpo para resistir”*, *“de som na alma negra tão natural”* ou *“elas se enxergam cada vez mais no lindo espelho da mãe África”*. O cuidado com a linguagem é essencial. Nogueira Jr. (2010) aponta para a necessidade de romper com terminologias equivocadas. Nesse sentido, chama a atenção o fato da personagem da professora explicar, junto à representação cartográfica da viagem marítima do Continente Africano ao Brasil, que *“os negros vieram da África, vieram com escravos”*. Cabe questionar: Eles simplesmente vieram da África? Eram escravos, não indivíduos escravizados? Essa narrativa deixa transparecer uma passividade e submissão e permite a naturalização da escravidão. Esses elementos interferem na classificação da obra como afrocentrada.

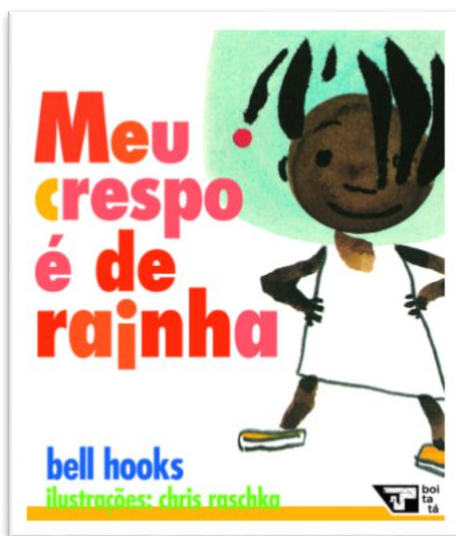
4.2.10 Livro X: Meu crespo é de rainha, de bell hooks (Figura 10)

Figura 10: Capa do livro Meu crespo é de rainha

Fonte: <https://www.boitempoeditorial.com.br/resizer/view/370/530/false/true/meu-crespo-e-de-rainha-9788575596081-550.jpg>

Sinopse da obra:

O livro valoriza a diversidade dos cabelos, enfatizando a beleza dos cabelos crespos. Resignificando algumas palavras ofensivas aos cabelos, o livro exalta a identidade negra.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
Meu crespo é de rainha (bell hooks)		X	

O livro é voltado à representatividade, compondo um enredo com personagens negros e apresentando várias formas de usar o cabelo crespo. Ainda que tenha sido escrito em resposta ao racismo presenciado pela autora quando criança na ocasião em que viu sua professora ler um livro que citava um ‘cabelo ruim’, não há no enredo o desenvolvimento de um conflito pautado em atos de preconceito e discriminação racial. O objetivo da obra é contrapor a ideia negativa de ter um ‘cabelo ruim’ e mostrar outro ponto de vista, pautado na felicidade de ter um cabelo crespo.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
Meu crespo é de rainha (bell hooks)		X

O livro foi escrito pela americana Gloria Jean Watkins, que usa o pseudônimo bell hoots grafado em minúsculas para contrapor a ostentação de títulos. Essa teórica feminista e ativista escreveu a obra original no final da década de 90, pois viu a falta de representação dos negros e sentiu a necessidade de escrever um livro mostrando a beleza dos cheirosos e macios cabelos crespos (PENZANI, 2018). Havia, então, uma demanda nos Estados Unidos relacionada à temática. Mais tarde o livro foi introduzido em outros países e chegou também ao Brasil.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
Meu crespo é de rainha (bell hooks)	X	

A obra é um poema rimado e consegue ultrapassar o tom pedagógico, afirmando o seu valor estético-literário. De acordo com Penzani, o livro é:

Político sem ser panfletário e com uma linguagem simples e afetuosa no texto e nas imagens, o livro aproxima das crianças negras e não negras uma reflexão fundamental: a busca pela identidade em um mundo em que a diversidade é tão pouco valorizada. (2018, p.1)

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: Meu crespo é de rainha (bell hooks)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características Mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	1
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	0
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	3
Total para cada um	Moderado: pts.	7

‘Meu crespo é de rainha’ revela e enaltece a imagem negra, destacando os cabelos crespos e as múltiplas possibilidades de explorar suas características para tornar a menina ainda mais bonita.

Além de possibilitar que as crianças com cabelos crespos sintam-se representadas, ajudando-as a construírem suas identidades, o livro também busca ressignificar alguns termos pejorativos que sempre foram usados para menosprezar e desvalorizar os cabelos crespos, como o uso da expressão ‘cabelo pixaim’. A menina argumenta de forma positiva e se impõe: _Pixaim, sim! Gosto dele assim!

Todo o discurso de enaltecimento do cabelo crespo e de ressignificação de palavras torna o livro muito importante para a identidade negra. Ainda que a história dos povos africanos não tenha sido contemplada na narrativa, o uso de penteados e o trabalho das mães no prazeroso trançar dos fios revelam alguns traços culturais.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
Meu crespo é de rainha (bell hooks)		X

A atitude empoderada da personagem pode ser relacionada à característica propositiva necessária aos fins revolucionários. Além disso, ainda que as rainhas africanas não apareçam no decorrer do texto, o título em português abre possibilidades para pensar nessas mulheres negras.

Mas o enredo foi deslocado da África e a proximidade desse local é fundamental na afrocentricidade.

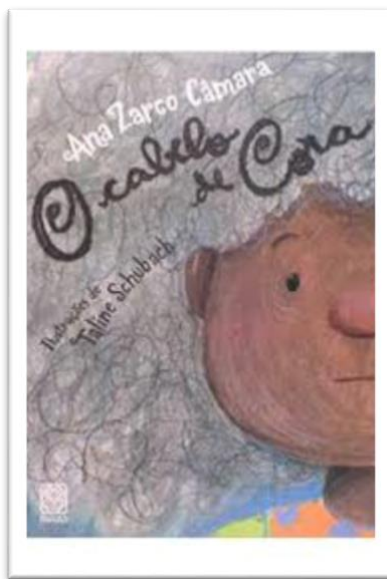
4.2.11 Livro XI: O cabelo de Cora, de Ana Zarco Câmara (Figura 11)

Figura 11: Capa do livro O cabelo de Cora

Fonte: https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/51k%2BJKpR2L._SX375_BO1,204,203,200_.jpg

Sinopse da obra:

Cora é uma menina que fica muito triste ao escutar da sua melhor amiga que ela deveria fazer algo para tornar os seus cabelos mais bonitos, que presos ficavam muito mais arrumados. Conversando com a tia, pensa sobre o assunto e redescobre o amor aos cabelos crespos, e continua usando-os soltos e naturais, afirmando suas origens.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
O cabelo de Cora (Ana Zarco Câmara)	X		

Como outras pessoas negras da vida real que são vítimas do racismo e que escutam que devem cortar, alisar ou amarrar os cabelos, a menina Cora também recebe duras críticas pelos cabelos crespos. Uma colega da escola lhe disse que deveria manter os cabelos presos com uma fita, pois eles são muito cheios e enrolados, ficam

sempre feios e desarrumados. Ao final, ainda disse que ela é uma menina boazinha, mas seu cabelo é muito ruim. Cora fica aflita e magoada.

A personagem é um exemplo de resistência. Após procurar os conselhos da tia, que lhe explica que seu cabelo é bom, bonito e resistente e que ela se parece com sua avó, uma negra africana muito linda e sem nenhuma vaidade, Cora decide continuar usando os cabelos soltos e naturais, adornando-os com carinho.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
O cabelo de Cora (Ana Zarco Câmara)		X

A primeira impressão do livro foi em 2013 e ele segue os objetivos da Lei nº 10639/03. Apesar de não aprofundar na história da avó de Cora, pode ser usado como estratégia para introduzir as discussões sobre os antepassados africanos ou em conjunto com outras atividades. Além disso, como o tema principal é a depreciação dos cabelos crespos da menina, a obra pode ser usada para discutir o racismo.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
O cabelo de Cora (Ana Zarco Câmara)	X	

O texto se organiza em linguagem poética. A história de Cora é contada em forma de poema, com versos simples e rimas, produzindo uma sonoridade na condução do enredo.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: O cabelo de Cora (Ana Zarco Câmara)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características Mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	3
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	1
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	5
Total para cada um	Alta: pts.	12

O livro tanto destaca o cabelo ‘no tom castanho reluzente’ de Cora quanto a beleza da avó africana e da tia menina. O livro pode ser usado para afirmação positiva da identidade negra.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
O cabelo de Cora (Ana Zarco Câmara)	X	

Por meio do poema, a obra revela o orgulho da descendência africana. Sua perspectiva é afrocentrada, apesar de não ter aprofundado em elementos da cultura e tradição africanas.

4.2.12 Livro XII: O cabelo de Lelê, de Valéria Belém (Figura 12)

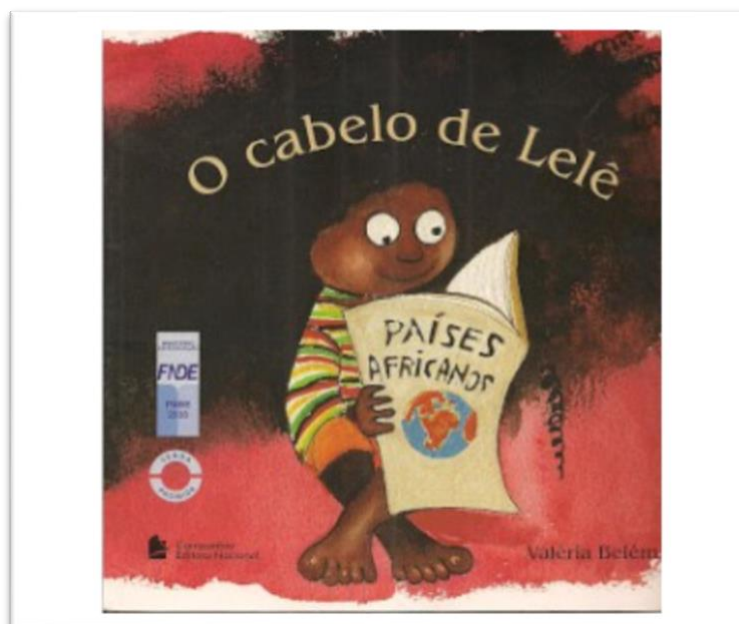


Figura 12: Capa do livro O cabelo de Lelê

Fonte:

https://www.palimontes.com.br/media/catalog/product/cache/1/image/360x300/9df78eab33525d08d6e5fb8d27136e95/o/_o_cabelo_de_lel_-_val_ria_bel_m.jpg

Sinopse da obra:

Lelê é uma criança que, quando se olha no espelho, fica incomodada por ter tantos cachinhos. Somente passa a gostar dos próprios cabelos quando descobre, em um livro sobre a África, a beleza africana e importância dos povos desse continente.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
O cabelo de Lelê (Valéria Belém)		X	

A história não revela que Lelê tenha vivenciado alguma situação que tenha feito com que ela não gostasse da própria imagem. Fica explícito no livro apenas o conflito decorrente do fato da menina não aceitar cabelos cacheados, por isso corresponde à segunda tendência. No entanto, relacionando a ficção com a realidade, certamente isso pode ter ocorrido e a imposição de um padrão branco e falta de representatividade negra tenham agravado o problema, de tal forma que a menina tenha desenvolvido um

sentimento de não aceitação da imagem que vê no espelho. Como apontam Lima Jr. e Tauchen:

Assim, o descontentamento do personagem Lelê com sua aparência é reflexo do sentimento de milhares de crianças negras brasileiras. Isso se dá, também, por uma hegemonia do padrão estereotipado branco, em que se cristalizam as identidades e desvaloriza-se o que porventura fugir a esta regra. (2017, p.133)

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
O cabelo de Lelê (Valéria Belém)		X

O livro foi publicado a primeira vez em 2007 e permite o trabalho pedagógico com a temática da identidade étnico-racial e da matriz africana.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
O cabelo de Lelê (Valéria Belém)	X	

As faces equilibradas garantem a fruição literária. A obra é escrita em forma de poema e alguns versos são dispostos nas páginas simulando os movimentos do cabelo de Lelê. A ilustração dos cabelos de Lelê atua na construção de sentido do texto. Eles são volumosos e invadem as páginas. Assim, as imagens ampliam o texto, possibilitando que o leitor atribua sentido a ambos.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: O cabelo de Lelê (Valéria Belém)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características Mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	1
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	2
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	5
Total para cada um	Alta: pts.	11

Inicialmente o gênero da personagem é oculto, a criança se veste como um menino. Ao final da narrativa, quando Lelê descobre a sua beleza, aparece com um vestido branco e dançando com um menino como se estivesse se casando. Isso fez com que Lima Jr. e Tauchen (2017) alertassem para as ideias subtendidas da submissão feminina e respectiva necessidade de ser salva por um príncipe e da sexualização da infância. Sem considerar essa abordagem conflituosa, é possível apontar que o livro valoriza os cabelos crespos e evidencia os países da África.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
O cabelo de Lelê (Valéria Belém)	X	

Lelê diz que os seus cabelos puxam a memória e que em cada cachinho há um pouco da história. Uma das ilustrações mostra a menina abraçada em um livro sobre a África e a própria capa do livrinho mostra Lelê lendo sobre o assunto.

Depois do Atlântico, a África chama
E conta uma trama de sonhos e de medo
De gueras e vidas e mortes no enredo
Também de amor no enrolado cabelo

É a partir do conhecimento que Lelê passa a gostar dos cabelos cheios de cachinhos, ela descobre de onde eles vieram. A obra é afrocentrada.

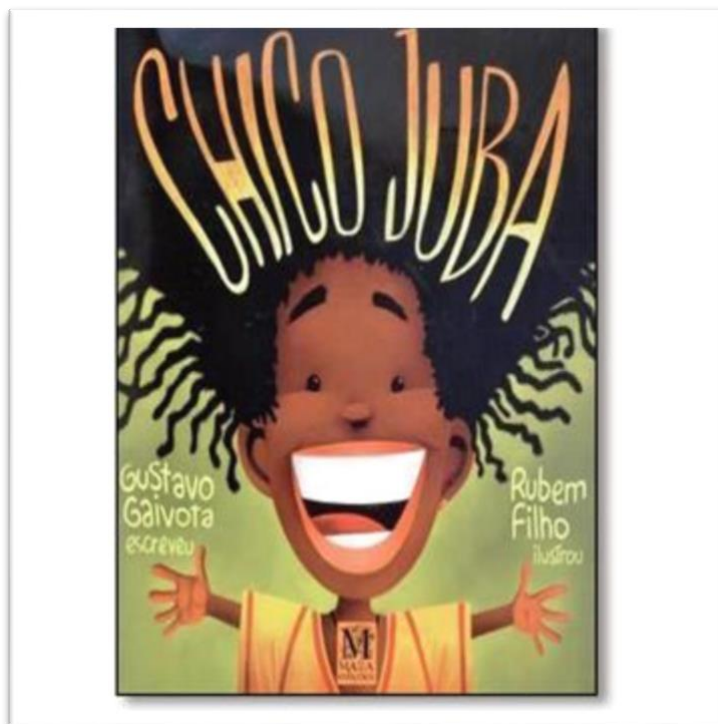
4.2.13 Livro XIII: Chico Juba, de Gustavo Gaivota (Figura 13)

Figura 13: Capa do livro Chico Juba

Fonte: https://d3vdssoeghm4gc3.cloudfront.net/Custom/Content/Products/54/82/548272_chico-juba-704094_M1.jpg

Sinopse da obra:

O menino Chico é um grande inventor. Queria muito ter um cabelo diferente e, para domar a sua ‘juba de leão’, inventou xampus feitos de planta, de sabão em pó, de terra, de água de bateria e de pó de ouriço. Também tentou usar os de bebê e os de mulher. Ao final, criou um imenso amor por seu ‘cabelo juba’.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
Chico Juba (Gustavo Gaivota)		X	

A obra se aproxima da segunda tendência, pois no conflito vivido pelo personagem negro não ficam explícitos episódios de preconceito e racismo. Mesmo o cabelo crespo sendo no mundo real um dos fenótipos mais atacados pelas condutas racistas, Chico Juba não reclama de nenhuma atitude preconceituosa de pessoas da sua

convivência. É o próprio menino quem durante muito tempo desejou que os seus cabelos fossem diferentes.

O narrador conta que Chico hoje tem uma cabeleira que deixa muitos com inveja, mais antes virou até mesmo inventor de xampus para criar um produto capaz de domar seus cabelos. Fez todo tipo de experiências criativas e os resultados foram muito engraçados e inesperados. Depois de tantas aventuras, resolveu aceitar os cabelos e passou a inventar moda, criando vários tipos de penteados.

Apesar de contribuir para a autoestima das crianças negras, pelas imagens de um menino lindo e irreverente, e caracterizá-lo como um cientista e designer de moda, a representação do mesmo é naturalizada e divertida, não há uma discussão sobre formas de vencer o preconceito.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
Chico Juba (Gustavo Gaivota)		X

O autor Gustavo Gaivota é um psicólogo, contador de histórias e escritor branco. Seu trabalho não é focado no negro, tem se voltado à valorização da diferença e do combate à exclusão social de minorias, como os deficientes físicos e indígenas.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
Chico Juba (Gustavo Gaivota)	X	

As três faces da literatura são equilibradas na obra Chico Juba, que apresenta uma linguagem leve, uma narrativa alegre e ilustrações capazes de despertar o interesse das crianças.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: Chico Juba (Gustavo Gaiivota)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características Mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	0
Características acima da média(4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	0
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	2
Total para cada um	Moderada: pts.	5

Dois elementos podem ser apontados como positivos no livro. O primeiro refere-se ao fato do personagem ser do sexo masculino, pois grande parte dos livros que abordam os cabelos crespos apresenta apenas protagonistas do sexo feminino. O segundo relaciona-se com as características do personagem, um menino feliz, alegre, inteligente, bonito e que não se deixa abater, procurando soluções para lidar com os problemas que o incomodam.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
Chico Juba (Gustavo Gaiivota)		X

O personagem Chico Juba assume o papel de agente, empreendendo uma ação positiva e se empenhando para solucionar seus problemas. Essa capacidade psicológica e mental é um atributo inerente à perspectiva afrocentrista, pois o africano precisa ser um protagonista do seu mundo. Porém, a ausência da posição do personagem como africano, ligando-o a África à história da sua vida, impede a sua classificação como literatura infantil afrocêntrica.

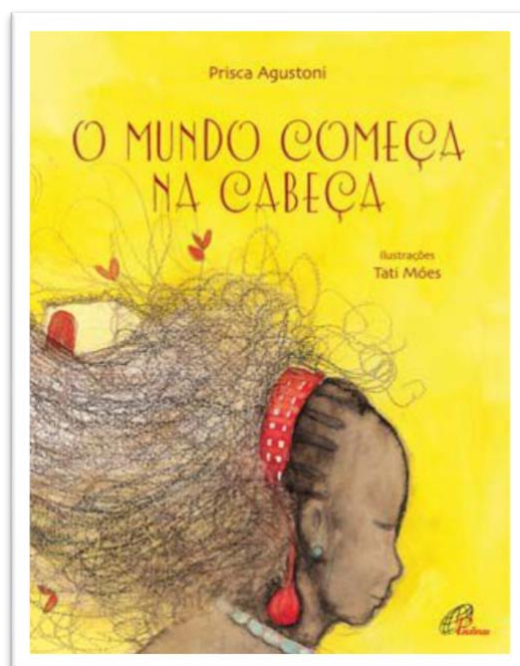
4.2.14 Livro XIV: O mundo começa na cabeça, de Prisca Agustoni (Figura 14)

Figura 14: Capa do livro O mundo começa na cabeça
 Fonte: <https://www.paulinas.org.br/pub/produtos/518328.jpg>

Sinopse da obra:

Na família de Minosse, as meninas treinam na hora do banho a fazerem esculturas e diferentes penteados com os cabelos. Para elas, o cabelo feminino é como a raiz da árvore, o lugar do início de tudo. Minosse também gosta de fazer penteados, pois para ela é uma arte e uma tradição da família.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
O mundo começa na cabeça (Prisca Agustoni)		X	

A obra não apresenta situações de preconceito e discriminação racial. A narrativa fala de Minosse, uma menina com quase 10 anos, que vive com os pés no chão, as mãos na terra e os cabelos ao vento. Sua casa é enfeitada de ervas cheirosas, uma casa cheia de mulheres, as quais conservam a tradição familiar de tratar dos cabelos e de fazer penteados enquanto contam histórias.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
O mundo começa na cabeça (Prisca Agustoni)		X

O livro foi escrito em 2011 por Prisca Agustoni, uma escritora nascida na Suíça que se mudou para o Brasil em 2003 e que atua como professora universitária em Juiz de Fora, com experiência, dentre outras, em Literatura Africana e teorias da diáspora. O assunto do livro aborda a temática da cultura africana e, assim, enquadra-se nas propostas da Lei nº 10639/03.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
O mundo começa na cabeça (Prisca Agustoni)	X	

A autora transita na prosa e na poesia mostrando toda a sua expressividade. Nessa obra específica, consegue manter a estética literária ao mesmo tempo em que narra uma tradição das mulheres africanas que passa de geração em geração: a arte de trançar e pentear os cabelos, “*um ritual feito de pentes, água, espelho, perfume e paciência*”. A ilustração de Mões completa a leveza do texto, pois os riscos do grafite entrelaçam os cabelos dos personagens e até mesmo alguns elementos do cenário.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: O mundo começa na cabeça (Prisca Agustoni)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Característ. Mínimas (1 ponto. cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	0
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	3
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	4
Total para cada um		Alta: pts. 10

O enredo é muito leve, não há discussões sobre racismo na obra. Tudo revela beleza em todos os elementos: a casa enfeitada, o ritual no trato do cabelo feminino, as mãos delicadas das mulheres artesãs, os penteados que contam histórias. A imagem e a cultura dos africanos são valorizadas e a narrativa favorece a autoestima das crianças negras e a construção de suas identidades. A arte de trançar e de falar do cabelo é, na verdade, *“apenas um código para falar de um mundo mais vasto e mais intenso”*.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
O mundo começa na cabeça (Prisca Agustoni)	X	

O livro compara o cabelo feminino à raiz das árvores. Ele é o lugar onde tudo começa. Quanto mais encaracolado, mais próximo das histórias dos ancestrais. A África não é citada no texto, apenas as ilustrações revelam de onde se está falando.

O cabelo encaracolado é o abrigo dos pássaros ao fim das suas longas migrações. A narrativa deixa transparecer nesse poema que a África é o lugar para onde os negros/ pássaros em diáspora devem ir.

O final da história dá indícios de que apenas os pensamentos da menina é que foram levados para a África pelas histórias contadas pelas mulheres da sua família. A menina vive longe de lá, mas esse mundo está na sua cabeça.

4.2.15 Livro XV: O mundo do Black Power de Tayó, de Kiusam de Oliveira (Figura 15)



Figura 15: O mundo no black power de Tayó

Fonte: <http://www.editorapeiropolis.com.br/catalogo/capas/320.jpg>

Sinopse da obra:

Cheia de autoestima, a menina Tayó tem muito orgulho do cabelo crespo com penteado black power e ela usa diversos materiais para enfeitá-lo. Quando sofre agressões em sala de aula por colegas que não gostam do seu cabelo, ela responde que seu cabelo não é ruim, ele é fofo, lindo, cheiroso e, usando uma metáfora, guarda um ‘mundo’ dentro dele, uma terra rica em cultura.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
O mundo no Black Power de Tayó (Kiusam de Oliveira)	X		

O livro aponta para a transformação de “todas as lembranças tristes em pura alegria”. Mesmo sofrendo preconceitos, Tayó ‘empoderada’ combate de forma impositiva e bem-humorada as agressões que sofre, não se deixa abater.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
O mundo no Black Power de Tayó (Kiusam de Oliveira)		X

Kiusam de Oliveira é doutora em Educação e tem experiência nesse campo. O livro explora a cultura e história dos povos africanos e afrobrasileiros e, desde a sua criação em 2013, tem sido cada vez mais usado pelas escolas brasileiras, cumprindo parte da missão da autora: lutar como uma heroína ouvindo as vozes do outro mundo que povoam seu black power.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
O mundo no Black Power de Tayó (Kiusam de Oliveira)	X	

O nariz de Tayó é uma larga e valiosa pepita de ouro. Dos seus lábios “grossos e escuros como o orobô” só saem palavras de amor. É nesse ritmo de encantamento e poesia, garantindo a fruição literária, que a obra vai revelando características, princípios e elementos essenciais da cultura africana.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: O mundo no Black Power de Tayó (Kiusam de Oliveira)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características Mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	3
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	4
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	5
Total para cada um	Alta: pts.	15

Além de ressignificar os cabelos crespos, o livro faz o mesmo com outros elementos da cultura africana, ressalta o sequestro dos africanos; os grilhões que não conseguiram aprisionar a alma dos africanos, apenas acorrentaram seus corpos; a descendência da mais nobre casta real africana e, dentre outros, a religiosidade e os objetos sagrados.

O penteado de Tayó projeta as tradições que os negros conseguiram preservar: as danças, os sons, os cantos, as cores, os jogos, as brincadeiras, as religiões de matriz africana, as contações de histórias, os saberes.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
O mundo no Black Power de Tayó (Kiusam de Oliveira)	X	

Tayó é uma princesinha, descendente dos povos africanos. Sua cabeleira black power em formato circular, livre e solta, representa o povo negro e guarda a sua história e exige respeito a sua cultura. A autora Kiusam de Oliveira, uma artista especialista nas temáticas étnico-raciais e ativista social, conduziu o enredo do livro a partir do paradigma afrocentrado.

4.2.16 Livro XVI: Os cabelos de Sara, de Gisele Gama Andrade (Figura 16)



Figura 16: Capa do livro Os cabelos de Sara

Fonte: <https://www.saraesuaturna.com.br/wp-content/uploads/2017/10/os-cabelos-de-sara-1.jpg>

Sinopse da obra:

A mãe de Sara é chamada na escola porque a menina brigou com os seus colegas após eles implicarem com seus cabelos crespos. A Coordenadora Educacional decide, então, convocar os estudantes e fazer uma palestra sobre o assunto com a ajuda de Sara.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
Os cabelos de Sara (Gisele Gama Andrade)	X		

Os colegas de Sara riem dela e falam que seus cabelos parecem “*uma palha de aço que foi mastigada por um cavalo*”. Ao final, a menina passa a ser respeitada pelos colegas.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
Os cabelos de Sara (Gisele Gama Andrade)		X

A versão impressa da obra é de 2016. O livro foi produzido na versão digital e também deu origem a uma série de animação, na qual são tratados assuntos do cotidiano das crianças.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
Os cabelos de Sara (Gisele Gama Andrade)	X	

O projeto gráfico reitera o que o texto escrito narra de forma expressiva, despertando emoção e aproximando o leitor do conflito vivido por Sara.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: Os cabelos de Sara (Gisele Gama Andrade)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereotípias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características Mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	3
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	0
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	1
Total para cada um	Moderada: pts.	7

Por meio dos personagens, o livro passa a mensagem que as pessoas são diferentes e que é isso que torna o mundo bonito. Todos precisam ser respeitados. Cita uma relação de diferenças: gordo/magro; alto/baixo; negro/branco; falante/ tímida. Com óculos/ sem óculos. Segundo a obra, essas diferenças são motivos de ‘piadinhas’ e ‘apelidos’ e que a escola não irá mais aceitar esse tipo de comportamento. Por fim, pergunta: “*vocês, que estão sendo incomodados, estão respeitando seus colegas?*”. A questão do racismo, dessa forma, mistura-se a outras questões de *bullying* na escola.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
Os cabelos de Sara (Gisele Gama Andrade)		X

A perspectiva da obra não é afrocentrada. Quando a menina está chorando e perguntando se os cabelos dela são feios, a mãe responde: “*Claro que não! Seus cabelos são característicos da raça negra. Orgulhe-se deles. Orgulhe-se de tudo em você!*”. Verificando a ilustração, é possível inferir que Sara é adotada, pois a mãe é uma senhora branca e rica e mais velha. Não há nenhuma citação sobre a história e a cultura dos povos africanos.

4.2.17 Livro XVII: Os mil cabelos de Ritinha, de Paloma Monteiro (Figura 17)

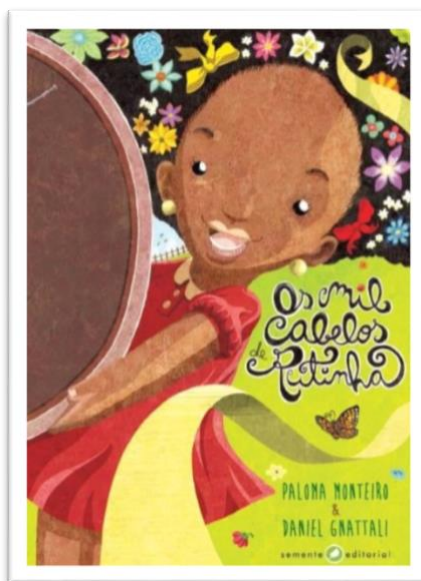


Figura 17: Capa do livro Os mil cabelos de Ritinha

Fonte: https://images.livrariasaraiva.com.br/imagemnet/imagem.aspx/?pro_id=7025629&qld=90&l=430&a=-1

Sinopse da obra:

Ritinha mora com sua família em uma linda casa cheia de vida. A menina é muito alegre e criativa. Para cada dia da semana gosta de usar um penteado diferente.

1º Parâmetro de análise:

Obra	<u>Tendência 1</u> A afirmação identitária negra através de situações alusivas de racismo	<u>Tendência 2</u> A presença negra na literatura infantil sem conflito	<u>Tendência 3</u> A obra aponta que somos todos iguais
Os mil cabelos de Ritinha (Paloma Monteiro)		X	

Não há relatos de racismo na obra. Mostra a vida harmoniosa de Ritinha, com os pais, avós e outros conhecidos. Cada um dos adultos é encarregado de fazer um penteado nos cabelos da menina: cabelo trançado pela mãe; enfeitado de fitas pela tia; um belo black pela vizinha; um coque abacaxi pela vovó; trancinhas nagô feitas pelo vovô, além dos coquinhos enfeitados e do turbante colorido.

2º Parâmetro de Análise:

Objetivo da produção/ Obra	Escolarização da Literatura	Estetização das demandas escolares
Os mil cabelos de Ritinha (Paloma Monteiro)		X

O livro ‘Os mil cabelos de Ritinha’ surgiu após a Lei nº 10639/03, sua primeira edição foi em 2013. A obra mostra alguns penteados tradicionais africanos, como a trança nagô, e pode ser usada para relacioná-los com aspectos das culturas de alguns povos da África.

3º Parâmetro de Análise:

Fruição Literária / Obra	3 faces equilibradas	Predomínio do conteúdo
Os mil cabelos de Ritinha (Paloma Monteiro)	X	

A história de Ritinha é contada em forma de poemas e rimas. As ilustrações de Daniel Gnattali enriquecem o texto, acrescentando elementos à história.

4º Parâmetro de Análise:

Obra	Nome: Os mil cabelos de Ritinha (Paloma Monteiro)	
Escala	A afirmação positiva da identidade negra e combate às estereótipias, aos preconceitos e às discriminações	Pontos
Características Mínimas (1 ponto cada)	Apresenta a imagem de personagens negros.	1
Características baixas (2 pontos cada)	Explora positivamente questões relacionadas a fenótipos negros ou aos cabelos crespos.	2
Características moderadas (3 pontos cada)	Focaliza o racismo, a discriminação e o preconceito racial.	0
Características acima da média (4 pontos cada)	Apresenta a cultura e história de povos africanos.	2
Alto nível de características (5 pontos cada)	A narrativa valoriza a beleza dos negros e/ou contribui para a afirmação da imagem e da cultura dos afrodescendentes.	5
Total para cada um	Alta: pts.	10

O texto, a menina, a família e o cenário são lindos. No quarto de Ritinha há bonecas negras, pião e outros brinquedos, livros na estante e fotos nas paredes. Todos tratam Ritinha com carinho e gostam de mexer no seu cabelo. O destaque à beleza de Ritinha também pode ajudar a melhorar a autoestima de outras crianças negras.

5º Parâmetro de Análise:

Perspectiva Afrocentrada / Obra	Sim	Não
Os mil cabelos de Ritinha (Paloma Monteiro)	X	

Apesar de não haver uma citação direta à África, os penteados da menina, os brinquedos tradicionais, o respeito aos idosos e as cores das vestimentas são elementos que fazem referência aos povos africanos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana evidenciaram que pensar em como a escola atua sobre a identidade negra e quais literaturas infantis abordam positivamente a imagem negra e contribuem para a autoestima dessas crianças é uma iniciativa importante independentemente do pertencimento étnico-racial da pesquisadora ou do pesquisador. Também concordamos com essa premissa. Entendemos que a questão racial não é um problema do negro, e sim da sociedade em geral. No Brasil, é uma questão que em meio a outras desigualdades, torna mais grave as injustiças que atingem um grande número de brasileiros e que, por isso, demanda mais envolvidos com esse dilema. Não adianta não ser apenas racista. É fundamental ser antirracista.

A academia, por meio da sua produção científica, precisa gerar mais conhecimentos e colocá-los à disposição da sociedade brasileira para instrumentalizá-la para o combate necessário a essa situação persistente de racismo, preconceito e discriminação racial. Nesse sentido, este trabalho foi desenvolvido.

Vimos que há diversos elementos sócio-históricos e econômicos que dificultam que a criança negra construa uma imagem positiva de si mesmo, do povo negro, da descendência negra, da corporeidade e do conjunto cultural negro.

Os preconceitos que a criança sofre em sala de aula, os ataques racistas ao corpo negro, a depreciação dos cabelos crespos e a falta de referenciais positivos nos livros e materiais didáticos promovem impactos negativos na autoestima das alunas e dos alunos negros e na formação da sua identidade.

A escola deve atuar combatendo o racismo, promovendo atividades de valorização da cultura africana e afrodescendente e da identidade negra, aproveitando do movimento recente de valorização da imagem e dos cabelos crespos e 'naturais' do negro para ressaltá-lo na escola e ajudar na construção e reconstrução da imagem e subjetividades das crianças negras.

Os processos de valorização da cultura africana e afrodescendente e da identidade negra podem ser potencializados pela escola por meio de um trabalho com livros destinados ao público infantil que exploram a imagem corporal negra e a história dos povos africanos e da diáspora.

Há livros de literatura infantil que atendem essa demanda. As imagens e discursos que compõem esses livros explicitam a cosmovisão africana e são capazes de trazer referenciais positivos para as crianças negras. Alguns desses livros são escritos por autores contemporâneos negros e que estão alinhados com os movimentos sociais negros e que entendem a importância de um olhar voltado para a África. Impulsionados pela Lei nº 10639/03, esses escritores têm produzido obras com protagonistas negros e trazem elementos importantes da cultura africana.

Ainda há carências de tais produções literárias. Há muito que se desvendar sobre os conhecimentos produzidos pela África. Mas quanto aos livros que abordam o cabelo crespo, a escola já tem material para iniciar um trabalho consistente com as crianças da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

Mesmo uma literatura leve escrita para crianças pode servir ao propósito de ajudar a combater um problema tão grave quanto o racismo, caso seu enredo seja conduzido em uma perspectiva afrocentrada, traga protagonistas negros ‘empoderados’ e mostre uma descendência forte, capaz de se mobilizar e lutar contra as desigualdades que imperam.

Concluindo, ao entender que o ‘empoderamento crespo’ também é agência, a escola pode explorar livros com personagens negros com cabelos crespos, incentivando a percepção positiva da identidade negra e ajudando as crianças negras a enfrentarem os dilemas vividos por conta das estereotípias e preconceitos associados a algumas características físicas e culturais advindas da descendência africana. Dessa forma, a escola movimenta-se também em direção ao combate do racismo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2008.
- AGUSTONI, Prisca. **O mundo começa na cabeça**. Literatura Infantil. Ilustrações de Tati Moes. São Paulo: Paulinas, 2011.
- ALGARVE, Maria Aparecida. **Cultura negra na sala de aula**: pode um cantinho de africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas? Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos. 154p. São Carlos, 2005
- ALMEIDA, Dalva Martins de. **Olhares sobre Betina**. Literafro, jan 2019.
- ALMEIDA, G. **Bruna e a galinha d'Angola**. Ilustrações V. Saraiva. Literatura Infantil. Rio de Janeiro: EDC e Pallas, 2011.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte/MG: Letramento, 2018.
- ALVES, Lídia Maria Nazaré *et. al.* A representação do negro na literatura infantil. **Anais**. [do] III Seminário Científico da FACIG. 09 e 10 de Novembro de 2017. Pensar Acadêmico, nº 3, 2017.
- AMARAL, Arleandra Cristina Talin do. A infância pequena e a construção da identidade étnico-racial na educação infantil. **Anais** [da] 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.
- ANDRADE, Gisele Gama. **Os cabelos de Sara**. Ilustrações de Ronaldo Santana. Literatura Infantil. Abaçar: Rio de Janeiro, 2012.
- ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa L. (org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. SP: Selo Negro, 2009.
- _____. Raça na antiguidade: na verdade, provém da África. **Capoeira**. Revista de Humanidades e Letras, vol.1, nº. 3, Ano 2015.
- BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. Ilustrações de Adriana Mendonça. Literatura Infantil. Companhia Editora Nacional/ IBEP Jr, 2007.
- BENEDICTO, Ricardo Matheus. **Afrocentricidade, educação e poder**: uma crítica afrocêntrica ao eurocentrismo no pensamento educacional brasileiro. 2016. Tese

(Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.48.2017.tde-29032017-161243.

BERNARDES, Tatiana Valentin Mina **A literatura de temática da cultura Africana e Afro-Brasileira nos acervos do programa nacional biblioteca da escola (PNBE) para educação infantil**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. 213 p. Florianópolis, 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Ministério da Educação, 2004.

_____. **Lei nº 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Publicada no Diário Oficial da União em 09 de janeiro de 2003.

_____. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Publicada no Diário Oficial da União em 11 de março de 2008.

_____. **Lei nº 12.288**, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nºs 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003.

_____. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil**. Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio. MEC, 1999.

CÂMARA, Ana Zarco. **O cabelo de Cora**. Ilustrações de Taline Schubach. Literatura Infantil. Pallas, 2013.

CAMPOS, Wagner Ramos; AMARILHA, Marly. Literatura Infantil Negra: uma discussão necessária. **Revista Cátedra Digital**. 2017. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em <revista.catedra.puc-rio.br/index.php/literatura-infantil-negra-uma-discussao-necessaria/>. Acesso em 06 mar. 2019.

CÂNDIDO, Antonio. **O Direito à Literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARBONIERI, Divanize; LAVERDE, Sheila Dias da Silva. Entre laços, cachos e tranças: o empoderamento das meninas negras através da literatura. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v. 25, n.39.1, p. 01-182, setembro-dezembro, 2018.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CHAMBERLIN, M. **As panquecas de Mama Panya**. Ilustrações de Julia Cairns.

Literatura Infantil. São Paulo: Edições SM, 2005.

COELHO, Nelly N. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Madu. **Meninas negras**. Ilustrações de Rubem Filho, Literatura Infantil. Mazza Edições, 2006.

CRUZ, Cintia. Empresária que inaugura primeira loja exclusiva de brinquedos afrocentrados no Rio pensa em abrir loja também em São Paulo. **Notícia Preta**. 19 fev 2019. Disponível em: <<https://noticiapreta.com.br/empresaria-que-inaugura-primeira-loja-exclusiva-de-brinquedos-afrocentrados-no-rio-pensa-em-abrir-loja-tambem-em-sao-paulo-a-industria-ainda-nao-acordou-para-a-potencia-que-a-gente-tem-de-compra/>> Acesso em: 18 jan. 2019.

CUNHA JR, Henrique. Afrodescendencia e Africanidades: Um dentre os diversos enfoques possíveis sobre a população negra no Brasil. **Interfaces de Saberes** (FAFICA. Online), v. 1, p. 14-24, 2013.

CUNHA JR, Henrique; VIEIRA, Lilian C. F. Derek Walcott e Omero: uma discussão sobre a problemática das identidades afro-caribenhas. **Revista Brasileira do Caribe**. Goiânia (CECAB), Universidade Federal de Goiás, vol. XI, n. 21, jul.dez. 2010.

DADIE, Gilmara Aparecida Guedes dos Santos. **Personagens negros, protagonistas nos livros da educação infantil**: estudo do acervo de uma escola de educação infantil do município de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2013.

DANTAS, Luís Thiago Freire; SILVA, Roberto Jardim da. O Estatuto Ontológico e Epistemológico Africano em Towa e Obenga. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as** (ABPN), [S.l.], v. 8, n. 20, p. 39-56, out. 2016. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/7>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!** Ilustrações de Literatura Infantil.

DIOP, Cheikh Anta. **A Unidade Cultural da África Negra**: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Reler África, 2014.

DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou**. Ilustrações de Shane W. Evans. Literatura Infantil. Cosac & Naify, 2004.

DOVE, Nah. Mulherisma africana: Uma Teoria Afrocêntrica. Wellington Agudá (trad.). **Jornal de estudos negros**. v. 28, n. 5. Universidade Temple, maio 1998.

DUPONT, Vera Regina Vargas. Literatura Infantil Brasileira e identidade da criança

negra. **Revista Línguas & Letras**. Unioeste –Vol. 14,Nº 27, 2013.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FIGUEIREDO, Angela. Global African Hair: representação e recepção da exposição fotográfica sobre o cabelo crespo. **Anais [da] 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**. Diálogos Antropológicos Expandindo Fronteiras. UFRN, 3 a 6 ago 2014.

FIGUEIREDO, L. A. **A criança negra na literatura brasileira: uma leitura educativa**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Grande Dourados, 2010.

FLORES, Elio Chaves; AMORIM, Alessandro. Protagonismo negro numa perspectiva afrocentrada. **Revista Brasileira do Caribe**, São Luis, Vol. XI, nº22. Jan-Jun 2011, p. 59-78

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FRANÇA, L. F. **Personagens negras na literatura infantil brasileira: da manutenção à desconstrução do estereótipo**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal de Mato Grosso. CUIABÁ, 2006.

FREITAS, Luisa Valéria Silvestre de; LIMA, Maria Cecília de. **Análise do livro didático de história em relação ao enfoque na Lei 10639/03**. In: RODRIGUES FILHO, Guimes; BERNARDES, Vânia Aparecida Martins, NASCIMENTO, João Gabriel do. Educação para as relações étnico-raciais: outras perspectivas para o Brasil. Uberlândia, MG: Editora Gráfica Lops, 2012.

GAIVOTA, Gustavo. **Chico Juba**. Ilustrações de Rubem Filho, Literatura Infantil. Mazza Edições, 2014.

GOMES JÚNIOR, Cleonildo Mota. Prática pedagógica com as literaturas infantis: o reconhecimento identitário da criança afro-brasileira. **Revista Educação e (Trans)formação**. Garanhuns, v. 02, n. 01, nov. 2016 / abr. 2017

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10639/03. Brasília/DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 39-62.

_____. **Betina**. Ilustrações de Denise Nascimento. Literatura Infantil. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

_____. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, nº.23. Rio de Janeiro, Maio/Agosto 2003.

_____. **Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade.** In: CAVALLEIRO, Eliane (Org). Racismo e anti-racismo na educação. Repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

_____. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, Dec. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 set. 2018.

GOUVÊA, M. C. S. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77-89, jan./abr. 2005.

HOFBAUER, Andreas. Racismo na Índia? Cor, raça e casta em contexto. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 16, p. 153-191, abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200153&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 set. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151607>.

HOOKS, Bell. Alisando o Nosso Cabelo. **Revista Gazeta de Cuba.** Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. In: Geledes. <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>

_____. **Meu crespo é de rainha.** Ilustrações de Chris Raschka, Tradução de Nina Rizzi. Literatura Infantil. Boitatá, 2018.

HORTA, Marina Luiza. Colorindo a história: a literatura infantil afro-brasileira de Heloisa Pires de Lima. Portal Literafro. **Revista da Faculdade de Letras da UFMG**, Belo Horizonte 2010. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/heloisa-ar-marina.pdf>> Acesso em: 28 jan. 2019.

JOVINO, Ione da Silva. **Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil.** In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). Literatura Afro-Brasileira. Centro de Estudos Afro- Orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

KALEKI. **Anansi, o velho sábio.** Ilustrações J. C. Götting; tradução R. F. Aguiar. Literatura Infantil. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.

KARENKA, Maulana. **Afrocentricity and multicultural education.** In: MAZAMA, Ama. The afrocentric paradigm. Trenton: África Word Press, 2003, p.73-94

KIRCHOF, Edgar Roberto; BONIN, Iara Tatiana; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A diferença étnico-racial em livros brasileiros para crianças: Análise de três tendências contemporâneas. **Revista Eletrônica de Educação**, vol. 9, n.2, 2015. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1111>>. Acesso em: 03 set

2018.

KI-ZERBO, Ioseph. **Para quando a África?** Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

KREBS, L. **Um safári na Tanzânia.** Ilustrações J. Cairns; tradução C. R. Mesquita e H. F. Mello. Literatura Infantil. São Paulo: Edições SM, 2007.

LIMA JR., Agnaldo Mesquita de; TAUCHEN, Gionara. O Cabelo de Lelê: reflexões sobre educação, cultura e identidade. **Momento: diálogos em educação**, E-ISSN 2316-3100, v. 26, n. 2, p. 129-146, jan./jun. 2017.

LITERAFRO. **O portal da literatura Afro-Brasileira.** Dados Bibliográficos. Madu Costa. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais Julho 2018. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/575-madu-costa>>. Acesso em 18 jun. 2019.

LOPES, Naiane Rufino; ARENA, Dagoberto Buim Arena. PNBE 2010: personagens negros como protagonistas. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1147-1173, out./dez. 2013.

LOPES, Dailza Araújo; FIGUEIREDO, Angela. Fios que tecem a história: o cabelo crespo entre antigas e novas formas de ativismo. **OPARÁ: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação**, v. 6, n. 8, 2018.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra.** Literatura Infantil. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. **Kofi e o menino de fogo.** Ilustrações H. Moreau. Literatura Infantil. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

LUZ, Mônica Abud Perez de Cerqueira. **Representações dos personagens negros e negras na literatura infantil brasileira.** Tese (doutorado). Universidade Nove de Julho. 128f. São Paulo. 2018

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita.** Ilustrações de Claudius. Literatura Infantil. Cultura, 1986.

MADHUBUTI, Haki; MADHUBUTI, Safisha. Educação Afrocentrada: Seu valor, importância e necessidade no desenvolvimento de crianças negras. **Journal of Education**, Boston University, vol.172, n.2, 1990.

MARIOSIA, Gilmaria Santos; REIS, Maria da Glória dos Reis. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Estação Literária Londrina**, Vagão-volume 8 parte A, p. 42-53, dez. 2011.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. Número temático: Leituras e identidades negras: narrativas, histórias, memórias. **Pontos de Interrogação**, v. 5, n. 2, jul./dez. 2015 Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II, Alagoinhas /BA.

MAZAMA, Ama. **A Afrocentricidade como um novo paradigma**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MELQUIÁDES, Jaciana; MELQUIÁDES, Leandro. **Mariana**. Ilustrações de Leandro Melquíades. Literatura Infantil. Era uma vez o mundo, 2015.

MONTEIRO, Paloma. **Os mil cabelos de Ritinha**. Ilustrações de Daniel Gnattali. Literatura Infantil. Semente, 2013.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MORENO, Jenny Lorena Bohorquez. **O negro e a diferença nos livros de literatura infantil veiculados no Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Dissertação (Mestrado em Educação). 174 f. Rio Grande/ RS. 2015.

MUNANGA, Kabengele. Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania. **Anais** [da] Conferência proferida no 1º Seminário do III Concurso Negro e Educação. São Paulo, 21 ago. 2003. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf>>. Acesso em: 31 dez. 2016.

_____. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. Teoria Social e Relações Raciais no Brasil. In: **Cadernos Penesb**. Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira – FEUFF (n. 12) (2010) Rio de Janeiro/Niterói: Ed. Alternativa/EdUFF/2010. ISSN 1980-4423.

NOGUEIRA JR., R. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. **Revista África e Africanidades**, v.3, n.11, p.1-16, 2010.

_____. Entrevista. In: LOPES, Marcos Carvalho. Colocando conceitos em jogo. Geledés. **Revista Filosofia**. 13 dez 2014. <<https://www.geledes.org.br/colocando-conceitos-em-jogo/>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

NOGUEIRA, Izildinha Beatriz. **Significações do Corpo Negro**. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 19, n. 1, pp. 287-308,

nov. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>>. Acesso em 17 jun. 2019.

OBENGA, Théophile. **La philosophie africaine de la période pharaonique**. Paris: L'Harmattan, 1990.

OBERG, Maria Silvia Pires. **Informação e significação: a fruição literária em questão**. 2007. Tese (Doutorado em Cultura e Informação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n.18: maio-out/2012, p. 28-47.

_____. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2006.

OLIVEIRA, Jurema; FELÍCIO, Aila. Uma análise dos gêneros da mídia em relação à Copa Mundial de 2014 e a construção do discurso racista. **Anais [do] II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades 4 a 6 de agosto de 2014**. Universidade Federal do Espírito Santo.

OLIVEIRA, Kiusam. **O mundo do Black Power de Tayô**. Ilustrações de Taisa Borges. Literatura Infantil. Peiropolis, 2013.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Áfricas e Diásporas na Literatura Infanto-Juvenil Contemporânea: Outras Veredas, Novas Tessituras? **Anais [do] IV Congresso Baiano de Pesquisadores Negros, 18 a 21 de setembro de 2013**. Cruz das Almas-BA: UFRB; APNB, 2013. *Literatura Infanto-Juvenil Contemporânea: Outras Veredas, Novas Tessituras?*

OLIVEIRA, Thiara Cruz de; ARAUJO, Débora Oyayomi de. Lucimar Rosa Dias. Cada um com seu jeito, cada jeito é de um. Literafro, nov 2018. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/resenhas/infanto-juvenil/Cada-um-com-seu-jeito-cada-jeito--de-um.pdf>>. Acesso em 18 jun. 2019.

PAULA, Benjamin Xavier de. Os estudos africanos no contexto das diásporas. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 2, n. 1 – jan./jul. 2013.

PENZANI, Renata. Livro infantil ‘Meu crespo é de rainha’ celebra o cabelo afro. **Lunetas**. 28 mar 2018. <https://lunetas.com.br/meu-crespo-e-de-rainha/>

PEREIRA, Amílcar Araújo. **O mundo negro: as relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo**. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2010. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1254.pdf>. Acesso em: 02 jan 2017.

PEREIRA, Rafaela. **Corpo, cabelo e identidade**. Literafro, jan 2019.

PERES, Fabiana Costa; MARINHEIRO, Edwylson de Lima; MOURA, Simone Moreira de. A literatura infantil na formação da identidade da criança. **Revista Eletrônica PróDocência**. Universidade Estadual de Londrina/UEL. Edição Nº 1, vol. 1, jan-jun. 2012.

PESTANA, Paulo Sérgio. **Estudo de personagens negras na literatura infanto-juvenil**. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/979-4.pdf>> Acesso em 13 jun. 2019.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral** Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PINHO, Vilma Aparecida de; SANTOS, Suelen Lima dos. Um estudo sobre crianças negras no contexto da educação infantil. **Rev. Fac. Educ.** Vol.22, Ano 12, n.2 p.81-98. Jul-Dez. 2014.

PINTO, Neusa Baptista. **Bia, Tatá e Ritinha**. Ilustrações de André Zan. Literatura Infantil. Tanta Tinta, 2014.

RAMOS, Angela Maria Parreiras. **Construção da identidade étnico-racial: o papel da literatura infantil com protagonistas negros e histórias das culturas africanas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

RANKE, Maria da Conceição de Jesus; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. Breves considerações sobre fruição literária na escola. **Entreletras**. Revista do Curso de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT, n. 3, 2011.

REZENDE, Alexsander. **Cabelo de Mola**. Literatura Infantil. Paulus, 2012.

RUFINO, Tatiana Cristina Dias. **Representação da identidade negra nos livros de literatura infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Pedagogia). Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Criciúma, 2010.

SANTIAGO, Flávio. Gritos sem palavras: resistências das crianças pequeninhas negras frente ao racismo. **Educ. Rev.**, Jun 2015, vol.31.

SANTOS, Eveline Alvarez dos. **A representação do negro na obra As tranças de Bintou de Sylviane A. Diouf**. Universidade Estadual da Paraíba/PPGLI, 2015. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/f8c993e8dea9b9e17e8fb7dfd b176a30_399_335_.pdf> Acesso em: 03 jan. 2019.

SANTOS, Fabiana. Identidade Negra e Literatura Infantil. **Revista Fórum Identidades**.

Itabaiana/ SE, Universidade Federal de Sergipe, v. 24, p. 45-60, mai.-Ago. 2017.

SANTOS, J. R. **O presente de Ossanha**. Ilustrações M. Veneza. Literatura Infantil. São Paulo: Global, 2006.

SANTOS, Jocélio Teles dos. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. **Estud. afro-asiát.**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 49-65, dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2000000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 mar. 2019.

SANTOS, Nádia Regina Braga dos. **Do Black Power ao cabelo crespo a construção da identidade negra através do cabelo**. Pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura. Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação. CELACC/ USP, 2015.

SANTOS, Shirlene Almeida dos. **Nos traços da mulher: a menina negra na literatura infantil negro-brasileira**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado da Bahia Salvador, 247 f, 2016.

SHUJAA, Mwalimu J. **Too much schooling, too little education: A paradox of Black life in White societies**. Trenton NJ: Africa World Press, 1994.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2004.

SILVA, Felipe Pereira da. **A representação do negro na literatura infantojuvenil de Ana Maria Machado**. Dissertação (Mestrado). Campina Grande/PB, 2016.

SILVA, Flávia Carolina da. A análise da representação do/a negro/a em um livro didático. **Revista África e Africanidades**, ano 8. n. 20, jul. 2015.

SILVA, Jerusa Paulino da. **A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010, 78 f.

SILVA, L. C. E. **Meninas negras na literatura infantojuvenil: escritoras negras contam outra história**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, 2012.

SILVA, Lúcia Helena Oliveira; XAVIER, Regina Célia Lima. **Pensando a Diáspora Atlântica**. História, v.37, 2018, e2018020, São Paulo, 2018.

SILVA, Maurício. Afrocentricidade: um conceito para a discussão do currículo escolar e a questão étnico-racial na escola. **Rev. educ. PUC-Camp**. Campinas, 21(2):255-261, maio/ago, 2016.

SILVA, Rogerio Bernardo da. **Representações da temática afro-brasileira na literatura infantil e juvenil**: entre a escolarização da produção literária e a estetização das demandas escolares. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SILVA, Santuza Amorim da; FREITAS, Daniela Amaral Silva. Representações dos negros na literatura infantil e juvenil. **Rev. educ. PUC-Camp.**, Campinas, 21(3):311-322, set./dez., 2016.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Síntese da coleção História Geral da África**, v.1-2, Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELISTA, Aracy Alves M.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Z. V. (Orgs.). *A escolarização a leitura literária. O jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUSA, Mauricéia Lopes Nascimento de. **O protagonismo de personagens negros em contos infantis**: contribuições da análise do discurso crítica para o ensino de língua portuguesa em uma classe hospitalar. Dissertação (Mestrado). Uberlândia/MG, 2016

SOUZA, Ilma Regina Castro Saramago e MARTINHÃO, Paloma dos Santos Sayão. O negro nos livros infantis: análise das práticas pedagógicas na educação. Horizontes – **Revista de Educação**, Dourados, MS, v.4, n.7, janeiro a junho 2016.

SOUZA, S. S; LOPES, T. M; SANTOS, F. G. S. Infância negra: a representação da figura do negro no início da construção de sua identidade. **Anais [da] III Jornada Internacional de Políticas Públicas São Luís/MA**, 28 a 30 de agosto 2007.

SUERTEGARAY, Maíra. **Dandara, seus Cachos e Caracóis**. Ilustrações de Carla Pilla, Literatura Infantil. Mediação, 2015.

TORRES, Sirlei Alves; JESUS, Leandro Santos Bulhões. A Lei nº 10.639/03 e o currículo afrocentrado: desafios e possibilidades da educação para as relações étnico-raciais. **Anais [do] IV Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas**. Mariana/ MG, jan/jun 2018.

TOWA, Marcien. **Essai sur la problématique philosophique dans l’Afrique actuelle**. Yaoundé: Ed. CLE, 1971.

UNESCO. **História Geral da África**. Comitê Científico Internacional da UNESCO para Redação da História Geral da África. Brasília: UNESCO, 2010. 8 vols.

VENÂNCIO, A. C. L. **Literatura infanto-juvenil e diversidade**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, 2009.

